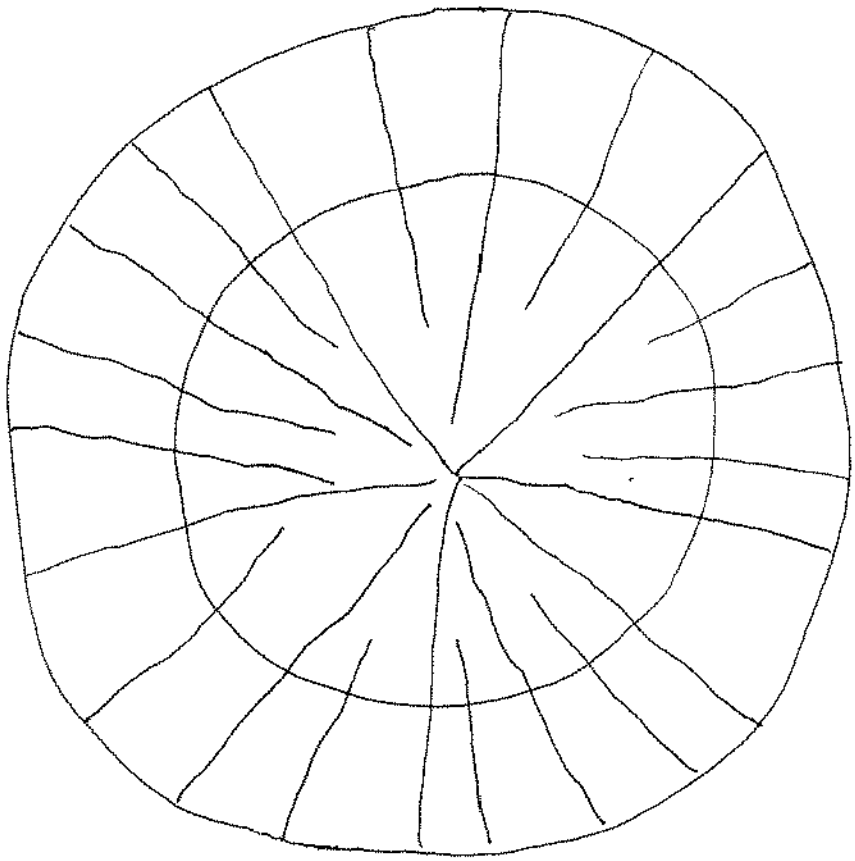
FONÉTICA E FONOLOGIA DO SURUWAHÁ



Edson Massamiti Suzuki

Edson Massamiti Suzuki

FONÉTICA E FONOLOGIA DO SURUWAHÁ

Dissertação apresentada ao curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Abaurre

Unicamp

Instituto de Estudos da Linguagem

1997

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
UNICAMP
Su99f
V. Ex. 1
TOMBO BC/ 31496
PROC. 281/97
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 29/10/97
Nº CPD

CM-00100278-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Su99f Suzuki, Edson Massamiti
Fonética e fonologia do Suruwahá / Edson Massamiti Suzuki. -- Campinas, SP [s.n.], 1997

Orientador: Maria Bernadete Abaurre
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem

1. Lingua indígena. 2. Fonologia. I. Abaurre, Maria Bernadete. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Profa. Dra. Maria Bernadete Abaurre

Profa. Dra. Lucy Seki

Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Edson Massamiti Suzuki

e aprovada pela Comissão Julgadora em 30/06/1997.

Profa. Dra. Mª Bernadete Marques Abaurre

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer à Deus, Criador e Sustentador de todas as coisas. Agradeço à minha querida esposa pela ajuda, apoio, compreensão, e pelas inúmeras horas de discussão sobre a língua Suruwahá.

Desejo expressar minha gratidão à minha orientadora, Dra. Bernadete Abaurre, pela confiança e incentivo, e ao CNPQ, pela bolsa concedida no período de fevereiro de 1995 a fevereiro de 1997.

Finalmente, agradeço à Jovens Com Uma Missão, na pessoa de Reinaldo Cazão Ribeiro, por haver me liberado de muitos dos meus compromissos para que eu pudesse me dedicar a este trabalho, e a todas as igrejas que têm apoiado meu projeto entre os Suruwahá.

Ofereço esta dissertação aos meus pais, Yoshio e Sumiko, que nunca mediram esforços para apoiar meus estudos.

RESUMO

O Suruwahá é uma língua indígena da família Arawá, falada por uma comunidade de aproximadamente 140 pessoas, localizada no estado do Amazonas no município de Tapauá.

O sistema fonológico da língua é composto basicamente por 18 fonemas consonantais e 5 vocálicos. Chegou-se à definição destes fonemas através da aplicação da metodologia desenvolvida por Keneth Pike, que utiliza conceitos como contraste, alofonia e pares mínimos. Os dados submetidos à esta metodologia, foram selecionados de um *corpus* de aproximadamente 2500 palavras, colhidas na área indígena e transcritas num registro de fala formal. Os dados usados como exemplos foram gravadas no programa CECIL para análise acústica e foram testados diversas vezes com os falantes nativos.

Outras análises foram propostas anteriormente, sendo a mais completa e consistente, a apresentada por Suzuki (1995a), na qual, além do modelo teórico, algumas propostas são diferentes, como é o caso do tratamento dado às palatalizações e labializações, do padrão silábico e da acentuação.

O modelo teórico de Pike, por ser mais descritivo, não é suficiente para explicar todos os processos que ocorrem na língua, mas é suficiente para dar um panorama geral do que ocorre com o Suruwahá, evidenciando algumas questões que podem ser melhor analisadas por um outro modelo. A vantagem é que ele proporciona um tratamento exaustivo para cada segmento e permite uma organização muito clara a ocorrência de cada um, proporcionando uma visão mais integrada da fonologia da língua.

Como o corpus foi bem delimitado, algumas referências a segmentos que ocorrem em outros registros de fala foram comentados com o objetivo de fornecer ao leitor melhores condições para poder confrontar as análises propostas até o momento.

Palavras-chave: 1. Língua indígena. 2. Fonologia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....10

1.1. Informações Etnográficas

1.2. Condições de Pesquisa

1.3. Configuração Geral da Fala

2. DESCRIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS FONÉTICOS.....18

2.1. Registro de Fala Formal

2.1.1. Segmentos Consonantais

2.1.1.1. Oclusivos

2.1.1.2. Africados

2.1.1.3. Tepe

2.1.1.4. Nasais

2.1.1.5. Fricativos

2.1.2. Aproximantes

2.1.3. Segmentos Vocálicos

2.1.3.1. Vogais

2.1.3.2. Ditongos

2.1.3.3. Vogais Longas

2.2. Registro de Fala Informal

2.2.1. Vogais Nasais

2.2.2. Oclusivos Ensurdecidos

2.2.3. Ditongos Decrescentes

2.2.4. Oclusivos Aspirados

2.2.5. Oclusivos Pós-vocalizados

2.3. Segmentos Descritos em Outros Trabalhos

2.4. Quadros Fonéticos

3. ANÁLISE FONÊMICA.....44

3.1. Interpretação de Segmentos e Seqüências de Segmentos Ambivalentes

3.1.1. Segmentos Consonantais Palatalizados

3.1.2. Segmentos Consonantais Labializados

3.1.3. Africados

3.1.4. Segmentos Consonantais Pré-nasalizados

3.1.5. Aproximante Lábio-velar

3.1.6. Segmentos Vocálicos Longos

3.1.7. Ditongos Decrescentes em Final de Palavras

3.1.8. Segmentos Vocálicos Altos

3.2. Demonstração de Contraste

3.2.1. Demonstração de Contraste para Segmentos Consonantais e Aproximantes

3.2.2. Demonstração de Contraste para Segmentos Vocálicos

3.3. Distribuição Complementar

3.4. Resíduos

3.5. Restrições de Ocorrência

3.6. Quadros Fonêmicos

4. PROSÓDIA.....79

4.1. A sílaba

4.2. Acentuação

4.3. Alongamento Vocálico

5.CONCLUSÃO.....84

6.APÊNDICES.....90

6.1. Corpus Selecionado

6.2. Mapas

7. RESUMO.....104

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....106

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....108

1. INTRODUÇÃO

1.1 Informações Etnográficas

Moradores da região dizem ter tido contatos esporádicos com índios arredios no Coxodoá entre 1972 e 1977. Em 1978, membros da organização católica CIMI através de um sobrevôo na área localizaram algumas malocas de um povo indígena desconhecido, e resolveram enviar uma equipe de exploração para a região. Em 1980, após dois anos de intenso trabalho conseguem estabelecer contato amistoso com os indígenas. A via de acesso utilizada para chegarem até a maloca foi uma picada aberta com rumo de 300 graus a partir da foz do Igarapé do Pretão, afluente do Riozinho.

Em 1983 Sebastião Amâncio da Costa, chefiou uma expedição da FUNAI na área do Igarapé do Coxodoá. Sua equipe era constituída por 14 pessoas, e tinha como integrantes, indígenas dos povos Wai-wai, Xereu, Ixkariana, Atroari, Deni e Baniwa. Esta equipe iniciou a abertura de uma picada saindo da boca do Igarapé Coxodoá com rumo de 180 graus com o objetivo de contactar os Suruwahá. Após 20 km de caminho aberto pela floresta, finalmente encontraram-se com os índios. Deixaram muitos presentes e regressaram a Manaus com planos de estabelecer um posto da FUNAI na área, mas nunca mais voltaram.

No ano seguinte foi criado um grupo de trabalho pelo presidente da FUNAI através da portaria n 1764/E de 14.09.1984, composto por dois indigenistas da Funai e três missionários da prelazia de Lábrea. O relatório final propondo a demarcação da área Suruwahá foi assinado por toda a equipe e apresentado em 10.01.1985. O resultado foi o seguinte: área de 233.900 ha com 500 km de perímetro, localizado no município de Camaruã no estado do Amazonas. Esta área foi demarcada pelo exército brasileiro entre novembro de 1987 e janeiro de 1988. Em Kroemer (1989) a área é assim descrita:

> "a) da foz do Igarapé Matrinchã., no rio Cunhuá, pela margem direita do rio até a foz do Igarapé Munguba, pela margem esquerda deste igarapé até a sua nascente.
>
> b) da nascente do Igarapé Munguba, por linha seca, até a nascente do igarapé Arigó, pela margem direita deste igarapé até sua foz no Riozinho.
>
> c) pela margem esquerda do Riozinho em toda sua extensão até a foz do igarapé Coxodoá.
>
> d)da foz do Coxodoá pela sua margem esquerda até a foz do igarapé Engilhado, desse ponto por linha seca, até a nascente do igarapé Matrinchã, da nascente deste igarapé por sua margem direita até sua foz no rio Cunhuá. "

A partir de 1985 os contatos têm sido mais freqüentes, mas somente com membros de organizações missionárias/indigenistas como Cimi, Jocum e Opan.

Vivem hoje na maloca cerca de 140 pessoas. A população é muito flutuante devido ao grande índice de mortalidade entre adultos, causado principalmente por suicídios.

A área indígena Suruwahá está localizada no estado do Amazonas, na região sudoeste, a noroeste da cidade de Lábrea. A descrição exata da área pode ser vista nos mapas do apêndice I. O acesso à área pode ser feito por via fluvial, pelos rios Solimões, Purus, Tapauá e Cunhuá. A partir do rio Cunhuá existem duas opções: entrar no Riozinho, pegar o igarapé do Pretão e usar o varadouro utilizado pelos missionários do CIMI , ou subir mais o rio até a foz do Coxodoá e caminhar cerca de 20 quilômetros pelo varadouro da Funai. Existe ainda uma terceira possibilidade de acesso à área: Viajar de avião até a aldeia do Marrecão (tribo Deni). Neste local existe um Posto da Missão Novas Tribos, uma pista de pouso e sistema de comunicação por rádio. Do Marrecão pode-se descer o Cunhuá até o igarapé Coxodoá.

Na foz do rio Tapauá existe um lugarejo que no ano de 1989 foi emancipado como sede de um município com o nome de Camaruã, onde existem algumas casas de comércio e sistema de energia elétrica de gerador. Descendo o rio Purus, saindo da foz do Tapauá, a cerca de 300 km encontra-se a cidade de Tapauá, onde há energia elétrica, água encanada, um posto telefônico, uma agência dos Correios, hospital, farmácias e pontão para abastecimento de combustível.

A área Suruwahá está cercada pelos rios Cunhuá e Riozinho e pelo igarapé Coxodoá. Estes três igarapés são de importância muito grande para a sobrevivência do grupo. No período de verão, quando as águas baixam, são realizadas grandes pescarias cujos frutos são os principais responsáveis pelo suprimento de proteínas e gordura durante esta época, uma vez que a caça é escassa. Existem ainda outros afluentes menores destes três igarapés, onde se encontram construídas casas comunais.

São raras as expedições do grupo para o Coxodoá, Cunhuá e Riozinho, devido à grande distância em que se encontram. Além disso, estas áreas são infestadas de mosquitos conhecidos na região como *piuns*, que causam grande desconforto.

O grupo, composto por cerca de 140 pessoas, é único e monolíngue. Não se tem notícia de outro grupo que fale a mesma língua. Segundo a tradição oral na aldeia, o grupo atual é formado por 7 grupos que levam uma denominação de ' dawa'. São eles: [saɾukʷawɨdawa], [adamidʲawa], [tabɨsuɾudawa], [d͡ʒukihidʲawa], [masanidʲawa], [kuɾubidʲawa] e [nakadanidʲawa]. Esses grupos viviam separados há cerca de 100 anos atrás, mas mantinham relacionamento entre si. Fatores como chacinas e doenças deixaram estes grupos reduzidos, o que levou os remanescentes a se juntarem, formando assim o povo atual.

Alguns rapazes conhecem algumas palavras de português, que aprenderam no convívio com indigenistas e missionários.

Já foram realizadas algumas descrições preliminares da língua. A primeira tentativa de análise fonológica foi realizada por Bráulia Ribeiro em 1985 com um corpus bastante reduzido. Em 1990 Kroemer, Weber & Silva elaboraram o 'Relatório Lingüístico Preliminar Zuruahá'. Em 1990, Edson Suzuki realizou uma pesquisa comparativa e classificou a língua Suruwahá na família Arawá. Em 1995 Márcia Suzuki publicou o *Esboço Fonológico Preliminar da Língua Suruwahá* e *Interação entre Regras Segmentais e Prosódicas em Suruwahá.*. No mesmo ano Daniel Everett publicou 'Sistemas prosódico das línguas Arawá', onde incluiu um capítulo sobre a língua Suruwahá. Em 1995 foi publicada no IJAL um artigo de Robert Dixon sobre *Desenvolvimento do Gênero em Jarawara*, que incluiu várias informações sobre o sistema fonológico do Suruwahá.

Os Suruwahá vivem juntos em casas comunais. Existem atualmente três casas construídas e três em fase de construção. A maloca é de forma cônica, cuja base é sentada numa circunferência formada por pequenos postes de um metro e meio de altura. As aberturas entre os postes que ficam em frente à algum caminho, servem de portas. A cobertura é feita de folhas de caranã trançadas em varas de paxiúba em forma de panos, que são sobrepostos de baixo para cima sobre uma estrutura formada de suportes e vigas, que se unem na ponta da cúpula formando assim o telhado. Além da circunferência da base, existe uma circunferência mais interna que serve de suporte para o teto. Ela é escorada por grandes vigas, nas quais são amarradas duas traves que saem até à circunferência exterior, que servem como repartições familiares, e principalmente para se amarrar as redes. Estas áreas são denominadas de [ka'hu].

Cada família é responsável por sua subsistência, mas a reciprocidade generalizada faz parte da vida comunitária. A divisão de trabalho é feita basicamente por sexo. Os homens são responsáveis pela caça e preparo da mesma, derrubam a mata para fazer o plantio que é trabalho de ambos. São eles os construtores das casas, e fabricantes de seus utensílios de caça. As mulheres cuidam da comida e de tudo que se refere a seu preparo, além de cuidar das crianças e da colheita.

Nos meses de verão as pescarias são constantes e grande parte da população participa. O organizador da pesca é responsável por trazer de sua roça grande quantidade de timbó, um tipo de raiz venenosa que será esmagada e colocada em cestos feitos de folha de patauá e transportados até o local da pescaria. No momento da pesca algumas pessoas carregam o veneno para um determinado ponto do rio, e o restante se distribui pelos barrancos rio abaixo afim de esperarem o peixe intoxicado pelo veneno.

Além da carne de caça e peixe, a alimentação deles se constitui basicamente de tubérculos como batata doce, mandioca, cará, inhame, ariá, taioba, e frutas diversas. Eles cultivam cinco espécies de banana, várias espécies de abacaxi, cana-de-açúcar, caju e pupunha. Esta última, riquíssima em gordura e vitaminas, tem grande valor no seu ciclo alimentar.

Os Suruwahá são também conhecidos como *'povo do veneno'* devido à pratica e veneração do suicídio, que constitui uma das características mais marcantes de sua cultura. O suicídio ritual é um traço da cultura Suruwahá que foi instituído há pouco mais de um século, com o suicídio de *Dawari*, um homem muito forte e influente. A partir daí este costume se estabeleceu e se firmou como uma maneira honrosa de se morrer. O suicídio está diretamente ligado à mitologia Suruwahá e às crenças com respeito à vida após a morte. Somente desde a época do contato, mais de 20 adultos de suicidaram. Esses números são alarmantes, já que correspondem a cerca de 25% da população. O suicídio se dá através da ingestão do sumo da raiz do timbó, a mesma substância usada nas pescarias.

1.2. Condições de Pesquisa

Em 1986 foi o nosso primeiro contato com o povo Suruwahá. Até o ano de 1991 o acesso à área era via fluvial, tendo como ponto de partida a cidade de Manaus, e como destino final a comunidade de ribeirinhos chamada Delícia. Em 1991, foi construída uma casa de apoio dentro do igarapé do Coxodoá, e o acesso à área passou a ser via aérea, saindo da cidade de Porto Velho até a aldeia do Marrecão. Da aldeia do Marrecão até a casa de apoio o transporte é fluvial. Da casa de apoio até a maloca Suruwahá gasta-se em média dois dias de caminhada pela mata.

Neste período de 10 anos, somando-se todas as entradas na maloca, somamos aproximadamente 2 anos de contato direto com o povo. Fatores como malária, indisponibilidade de transporte, falta de financiamento e dificuldade no acesso a área, sempre dificultaram as expedições até a maloca Suruwahá.

Como dito anteriormente os Suruwahá são monolingües, o que dificultou bastante a coleta inicial dos dados. Era impossível qualquer tipo de sessão formal para estudo da língua com um informante. Todos os dados foram coletados num ambiente bem informal e espontâneo, através da convivência entre eles, participando de suas atividades diárias.

Os dados utilizados neste trabalho foram selecionados de 20 cadernetas de anotações de campo. A maioria dos dados que compõem a lista de palavras apresentadas no apêndice esta gravada em fita cassete.

1.3. Configuração geral da fala

Uma das características gerais da língua Suruwahá é o setting velarizado. Segundo Laver (1990), a cadeia da fala em certas línguas pode ser caracterizada por uma configuração especial do aparelho fonador, diferente de uma configuração que poderia se chamar de neutra. Ele define settings como:

> "any tendency for the vocal aparatus to maintain a given configuration or featural state over two or more segments in close proximity in the stream of speech." (Laver, 152)

> ou ainda, "Deviations from the neutral specification at the articulatory, phonatory, muscle tension or prosodic levels... that directly affect the quality of speech production." (Laver, 405)

A língua Suruwahá apresenta um fenômeno que pode ser descrito como setting de *voz velarizada*. O setting de voz velarizada é a combinação de dois movimentos simultâneos do corpo da língua (levantamento e retração) que acompanha a produção dos segmentos. No caso do Suruwahá, este fenômeno ocorre em qualquer situação de uso da língua e afeta todos os segmentos da fala mas, pode ser percebido mais claramente nas vogais, que têm sua articulação posteriorizada.[1]

Um ambiente fonético onde o setting velarizado tem um efeito bastante perceptível é em seqüências de oclusiva bilabial e vogal anterior alta. Neste ambiente específico, este fenômeno produz um efeito de transição muito interessante, que é percebido como a articulação de uma breve vogal central alta, o [ɨ], entre a consoante e a vogal.[2]

[samᵇɨi] "ananás"

[bᵇɨhɨawa] "voar"

[abᵇɨi] "pai"

[amᵇɨi] "mãe"

Uma explicação fonética para este processo de transição seria a seguinte: Como a produção de uma consoante bilabial não exige nenhum envolvimento específico do corpo da

[1] Para não sobre carregar as transcrições fonéticas, não serão usados os diacríticos referentes à velarização.
[2] Esta transição é perceptível principalmente em posição inicial ou após vogal central baixa.

língua, este cede à pressão geral do setting velarizado. Isto é, o corpo da língua se levanta e se retrai simultaneamente durante a articulação destas consoantes. No momento de articular a vogal seguinte, a língua terá que percorrer uma longa distância entre a posição velarizada e a posição frontal para a qual ela é requisitada para produzir o [i]. Neste percurso ela passa pela posição central, que é justamente a posição de produção do [ɨ].

2. DESCRIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS FONÉTICOS.

2.1 Registro de Fala Formal

Nesta primeira seção estão alistados os segmentos encontrados no registro de fala formal.

2.1.1 Segmentos Consonantais.

2.1.1.1- Oclusivos:

[p] oclusivo labial surdo. A ocorrência deste oclusivo limita-se à seguinte interjeição:

[p$^{\varepsilon}$a]	'expressão de raiva'

[b] oclusivo labial sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]. Nunca ocorre entre [i] e [a].

[a:ˈba]	'peixe'
[baɾaˈwa]	'quelônio (sp)'
[ʃibiˈɾi]	'gavião (sp)'
[bidʒ͡uˈkʷa]	'dor de cansaço'

[aːˈbɨ] 'língua'

[bɨdaˈdɨ] 'escreva'

[haˈbu] 'carrapato'

[ʃʲubuˈkʷa] 'sede'

[t] oclusivo alveolar surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]. Nunca ocorre entre [i] e [a].

[taːˈhu] 'árvore (sp)'

[kataˈta] 'ave (sp)'

[tuˈhu] 'gripe'

[hutuˈku] 'bornal para paina'

[tikʲaˈɾa] 'apetitoso (pelo cheiro)'

[kaːˈti] 'cobra-cega'

[igʲaˈtɨ] 'animal de pequeno porte'

[tɨʲbɨ] 'flecha'

[d] oclusivo alveolar sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]. Nunca ocorre entre [i] e [a].

[daːˈhu] 'ave (sp)'

[kadanaˈhu] 'castanha (sp)'

[ʊːˈda] 'maloca'

[duːˈki] 'lugar'

[dugʷaˈwɨ] 'pessoa de meia idade'

[ahiˈdu] 'sanguessuga'

[aduˈhɨ] 'sêmem'

[dɨhɨˈwa] 'caracol'

[madɨˈdɨ] 'grudento'

[dɨˈmi] 'nome próprio feminino'

[ʃidɨˈɾi] 'brasa'

[c] oclusivo palatal surdo. Ocorre em posição inicial e medial de palavras antes da vogal [i].

[cicid͡ʒaˈma] 'mari-mari'

[iːˈci] 'piau'

[ciˈmi] 'milho'

[masiˈci] 'sol'

[ɟ] oclusivo palatal sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, antes da vogal [i].

[boːˈɟi] 'tatu (sp)'

[ɟiːˈd͡ʒa] 'ralar'

[k] oclusivo velar surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ] ou [i]. Nunca ocorre entre [i] e [a].

[kaˈwa]	'arara (sp)'
[haɾakaˈdɨ]	'arco'
[kusuˈwa]	'tucunaré'
[hʊːˈku]	'imbaúba'
[kɨːˈkɨ]	'acne'
[id͡ʒaˈkɨ]	'seringa'
[zakɨˈɾa]	'genro ou nora em potencial'

[g] oclusivo velar sonoro Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra. Não ocorre diante de [ɛ] ou [i]. Nunca ocorre entre [i] e [a].

[gaˈha]	'macaco-barrigudo'
[agaˈzu]	'palmito'
[imˈaˈga]	'enfeite'
[gusaˈwa]	'galo do mato'
[wiwiɾʊˈgu]	'peixe (sp)'
[gaːˈgu]	'peçonhento, ruim'
[uguniˈd͡ʒa]	'afundar, adentrar'
[aˈgɨ]	'pegador'

[gɨnɨˈzɨ] 'aparecer'

[kʷ] Oclusivo velar labializado surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial. Nunca ocorre antes de [ɨ], [u] [ʊ] [ɪ] e [ɛ].

[kʷakʷaɾaˈni] 'peixe (sp)'

[d͡ʒukʷasaˈɾi] 'gambá (sp)'

[kʷakʷaⁿd͡ʒa] 'animal preto (?)'

[mukuˈkʷa] 'abelha (sp)'

[tukʷaˈɾi] 'fuso'

[d͡ʒukʷiˈhi] 'nome de rio'

[gʷ] Oclusivo velar labializado sonoro. Ocorre em posição inicial em junção de morfemas e em posição medial de palavra. Não ocorre antes de [ɨ], [u], [ʊ], [ɪ].

[gʷanɨdarʲanaⁿdˈgəˈ] 'estou tingindo'

[ugʷahaˈwa] 'macaco (sp)'

[dugʷaˈwɨ] 'pessoa de meia idade'

[ugʷaɾiˈni] 'sorva'

[ⁿd] Oclusivo pré-nasalizado alveolar sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial.

[hũⁿdaˈnu] 'tamanduá (sp)'

[ⁿda] 'e (conjunção)'

[tʲ] oclusivo alveolar palatalizado surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra. Não ocorre diante de [ɨ], [i], [ɪ] e [ʊ].

[kuˈtʲa] 'nome próprio feminino'

[tʲaˈha] 'nome próprio masculino'

[katʲahaˈna] 'banana (sp)'

[tʲɛˈmʲɛ] 'saboroso'

[tʲɛˈhʲɛ] 'queimado'

[tʲuˈhu] 'zarabatana'

[mitiˈtʲu] 'nome próprio masculino'

[itʲaˈza] 'assento'

[hutʲɛʃʲuˈma] 'peixe (sp)'

[d͡ʒukitʲɛɾiˈd͡ʒa] 'tamanduá'

[dʲ] oclusivo alveolar palatalizado sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra. Não ocorre diante de [ɨ], [i], [ɪ] ou [ʊ]. O único exemplo encontrado antes de [ɨ] é o nome próprio masculino [udʲɨ].

[dʲɛˈɾʲɛ] 'arredondado'

[udʲɛˈni] 'nome próprio feminino'

[iːdʲaˈhɨ] 'urucum'

[dʲɛridʲɛˈɾi] 'cigarra'

[dʲumuɾiˈni] 'inútil, sem valor'

[bʲ] Oclusivo labial palatalizado sonoro. Ocorre somente em junção de morfemas. Nunca ocorre antes de [ɨ].

[bʲutanaˈɾu] 'você está grávida'

[bʲaˈd͡ʒaku] 'você guardou?'

[bʲɛniʃiɾuˈba] 'você vai chegar'

2.1.1.2 - Africados

[d͡z] africado alveolar sonoro. Tem ocorrência bastante limitada e reduzida a um número limitado de falantes.

[amuˈd͡zɨ] 'gordura'

[d͡zɨˈmɨ] 'dente'

[t͡s] africado alveolar surdo.Tem ocorrência bastante limitada e reduzida a um número limitado de falantes.

[t͡saˈmi] 'abacaxi'

[d͡ʒ] africado pós-alveolar sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra. Não ocorre diante de [ɨ], [ɪ] ou [ʊ].

[d͡ʒaːˈɾa]	'estrangeiro'
[iːˈd͡ʒu]	'fezes'
[mid͡ʒiˈɾi]	'fruta'
[tubad͡ʒaˈru]	'bacurau'
[id͡ʒaˈkɨ]	'seringa'
[kɨɾɨmaˈd͡ʒi]	'formiga (sp)'
[d͡ʒuːˈwi]	'macaco prego'
[cicid͡ʒaˈma]	'fruta (sp)'
[d͡ʒɛɾiˈɾi]	'serrote'

[ⁿd͡ʒ] Africado pré-nasalizado pós-alveolar sonoro. Ocorre somente em posição medial.

[kʷakʷaⁱⁿd͡ʒa]	'animal de cor negra (sp)'

2.1.1.3 - Tepes

[ɾ] tepe alveolar sonoro. A única ocorrência deste segmento consonantal em posição inicial é [ɾuˈɾí] ou [ɾuˈbu], duas formas alternantes para o nome de um brinquedo de madeira. Ocorre em posição medial antes de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]. Nunca ocorre entre [i] e [a].

[wahaˈɾa]	'pernilongo'
[kataɾaˈma]	'cobra (sp)'

[wad͡ʒiˈɾi] 'mosquito (sp)'

[ʊgʷariˈni] 'sorva'

[sanaˈɾu] 'maracujá'

[kuɾukuˈɾu] 'mergulhão'

[maˈɾɨ] 'disposto'

[kɨɾɨˈsɨ] 'pássaro (sp)'

[suɾuˈku] 'envira (sp)'

[biˈɾu] 'beirada'

[ɾʲ] tepe alveolar palatalizado surdo. Ocorre em posição medial de palavra. Não ocorre antes de [ɨ], [i] [ɪ] e [ʊ].

[ahiˈɾʲa] 'abelha (sp)'

[cid͡ʒiɾiˈɾʲa] 'fruta (sp)'

[ʃiˈɾʲu] 'nome próprio feminino'

[huɾʲatɾˈni] 'berrante de envira'

[kuɾiˈɾʲa] 'palmeira (sp)'

[waɾʲuˈba] 'fruta (sp)'

[wiɾʲaˈna] 'peneira'

2.1.1.4 - Nasais

[m] nasal labial sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]. Nunca ocorre entre [i] e [a].

[d͡ʒaʃʲumaˈna]	'árvore (sp)'
[maːˈsa]	'pupunha'
[ciːˈmi]	'milho'
[miˈʃi]	'quandu'
[mɨˈˈhɨ]	'formiga (sp)'
[haːˈmɨ]	'fome'
[muːsa]	'coruja (sp)'
[igʲamuˈna]	'fruta (sp)'

[mʲ] nasal labial palatalizado sonoro. Ocorre em posição inicial de palavra somente em junção de morfemas e em posição medial de palavra antes de [a]. Não ocorre antes de [ɨ], [ʊ], [ɪ] e [i]

[kurɨˈmʲa]	'espírito'
[ciʃɨˈmʲa]	'tatu (sp)'
[mʲazaʃʲubadanaŋˈgəˈ]	'você provavelmente vai morrer'

[n] nasal alveolar sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]. Nunca ocorre entre [i] e [a]. Não foi encontrado nenhum exemplo de palavra monomorfêmica onde ele ocorresse precedendo [i] em início de palavra.

[katʲahaˈna]	'banana d'água'
[naːˈsi]	'mutum'
[baɾaˈnɨ]	'tampa'
[nɨˈdɨ]	'conte'
[munumuˈnu]	'abelha-de-padre'
[nʊːˈtu]	'nome próprio masculino'
[karasiˈní]	'vento forte'
[iniˈkʲa]	'castanha (sp)'

[nʲ] nasal alveolar palatalizado sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra. Não ocorre diante de [ɨ], [i], [ɪ] ou [ʊ].

[anʲa]	'nome próprio masculino'
[ʃinʲakuˈni]	'aranha (sp)'
[anʲumaˈɾu]	'nome próprio masculino'
[inʲuˈwa]	'médium'
[nʲɛˈɾi]	'termo afetivo para macaco'

2.1.1.5 - Fricativos

[s] Fricativo côncavo alveolar surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, porém nunca segue [i] nem precede [ɛ]. Nunca ocorre em posição inicial antes de [i].

[aˈsa]	'barreiro'
[saˈmi]	'abacaxi'
[sukʷaˈdɨ]	'tanga'
[haːˈsu]	'caracol'
[aːˈsɨ]	'travoso'
[sɨnɨˈnɨ]	'cipó (sp)'
[naːˈsi]	'mutum'
[karasiˈni]	'vento forte'

[z] fricativo côncavo alveolar sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, porém nunca segue [i] nem precede [ɛ] e [i].

[zaːˈma]	'coisa'
[hazaˈwa]	'esposa'
[awɨˈza]	'mogno'
[zuːˈmi]	'veado (sp)'

[maˈzu] 'urubu rei'

[aːzuˈwɨ] 'visceras'

[zɨˈka] 'choque'

[amuˈzɨ] 'gordura'

[ʃ] fricativo côncavo pós-alveolar surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto medial na palavra, mas somente antes de [i].

[ʃiwiˈɾi] 'macaco (sp)'

[kaniˈʃi] 'seta para zarabatana'

[haʃiˈʃi] 'cigarra (sp)'

[ʃʲ] fricativo côncavo pós-alveolar palatalizado surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto em posição medial na palavra, porém nunca precede [i] , [ɪ], [ʊ] nem [ɨ].

[aˈʃʲa] 'nome próprio masculino'

[ʃʲaːˈɾi] 'banana comprida'

[ʃʲɛmʲɛˈni] 'barro'

[ʃʲuɾuˈhʷa] 'barata'

[d͡ʒaʃʲumaˈna] 'faveiro da terra firme''

[ciːˈʃʲu] 'macaco cairara'

[miˈʃʲa] 'arraia'

[h] Fricativo glotal surdo. Este fricativo, na realidade corresponde, foneticamente, ao *onset* sussurrado de uma sílaba com núcleo vocálico. Assim, a sua qualidade de ressonância será a mesma do vogal que a segue. Não ocorre antes de [ɛ] nem entre [i] e [a].

[haˈmɨ]	'fome'
[kahaˈmɨ]	'menino pré-adolescente'
[hiːˈɾĩ]	'capivara'
[mahiˈɾi]	'pium'
[huˈku]	'imbaúba'
[mahuˈwa]	'paina de munguba'
[hɨɾɨˈsa]	'jandiá'
[maʃiɾɨhɨˈwɨ]	'camorim'

[hʲ] Fricativo glotal palatalizado surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto medial na palavra, porém nunca antes de [i], [ɪ], [ʊ] e [ɨ].

[hʲamɨnaˈɾu]	'você está com fome'
[kanihʲaˈtu]	'peixe (sp)'
[abiˈhʲa]	'peixe (sp)'
[hʲukʷanaˈɾu]	'você peidou?'

[hʷ] Fricativo glotal labializado surdo. Ocorre tanto em posição inicial quanto medial na palavra, mas nunca precede [ɛ], [u] [ʊ] [ɪ].

[h^{w}a^{l}wa]	'eu como'
[bu^{l}h^{w}a]	'em baixo'
[kuh^{w}a^{l}mɨ]	'primo cruzado'
[u^{l}h^{w}i]	'lamento'
[u^{l}h^{w}ɨ]	'medida'

2.1.2 - Aproximantes

[w] Aproximante lábio-velar sonoro. Ocorre tanto em posição inicial quanto medial na palavra, porém nunca antes de [u].

[waga^{l}ru]	'árvore (sp)'
[ka^{l}wa]	'arara'
[ta:^{l}wi]	'esquilo'
[wi:^{l}nu]	'árvore (sp)'
[sɨ^{l}wɨ]	'macaco coatá'
[awɨ^{l}za]	'mogno'

[w^{j}] Aproximante lábio-velar palatalizado sonoro. Ocorre somente em início de palavras flexionadas.

[w^{j}aru^{l}bi]	'sua orelha'

2.1.3 Segmentos Vocálicos

2.1.3.1- Vogais

[i] vogal anterior fechada não- arredondada. Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra.

[baːˈi]	'trovão'
[iniˈkʲa]	'castanha (sp).
[cĩˈmi]	'milho'
[d͡ʒiːˈwi]	'macaco prego'
[ʃiwiˈɾí]	'mico (sp)'

[ɛ] Vogal anterior meio aberta não arredondada. Não ocorre em posição inicial na palavra.

[tʲɛˈhɛ]	'queimar'
[d͡ʒɛɾíˈɾi]	'serrote'
[amɛhĩˈni]	'pó de serra'

[a] Vogal central intermediária de meio aberta a aberta não-arredondada. Ocorre em todas as posições na palavra.

[aːˈba]	'peixe (genérico)'
[idʲaˈhɨ]	'urucum'

[madʒakaˈɾa]	'tipo de codorna'
[karʲaˈwa]	'nome próprio feminino'
[iˈmʲa]	'teça'

[ɨ] Vogal central fechada não arredondada. Ocorre em todas as posições dentro da palavra. Não ocorre após segmentos consonantais labializados, exceto [hʷ], palatalizados, pós-alveolares ou alveopalatais.

[ɨˈɨ]	'muratinga'
[aːˈbɨ]	'língua'
[dɨhɨˈwa]	'caracol'
[idʒaˈkɨ]	'seringa'
[ɨmɨˈzɨ]	'bonito (pl)'
[nɨˈdɨ]	'conte'

[u] Vogal posterior fechada arredondada. Ocorre em todas as posições na palavra.

[uhʷaˈmɨ]	'assombração'
[uːˈsəˈ]	'cará'
[maːˈzu]	'urubu rei'
[tʲuˈhu]	'zarabatana'
[maˈdʒu]	'peteca'
[warʲuˈba]	'pajurá'

[ʊ] vogal posterior intermediária de fechada para meio-fechada arredondada. Ocorre somente em posição medial na palavra.

[bʊˈɟi]	'tatu (sp)'
[dʊˈci]	'lugar'
[dahʊˈhu]	'borboleta'
[dʊːˈɾí]	'filhote de porco'

[ɪ] vogal anterior intermediária de fechada para meio-fechada não arredondada. Ocorre somente em posição medial.

[ahidɪˈni]	'filha'
[amadɪˈni]	'mãe'

2.1.3.2- Ditongos

[əⁱ] Ditongo decrescente de central intermediário (de meio fechado para meio aberto) para anterior alto. Sua ocorrência é restrita à posição final de palavra.

[kʷaˈkʷəⁱ]	'nome próprio masculino'
[uːhuˈɾəⁱ]	'morcego (sp)'
[ʊːˈsəⁱ]	'peixe (sp)'
[hiniˈd͡ʒəⁱ]	'nome próprio masculino'
[sawarʲanəˈⁿgəⁱ]'	'eu lavo'

[ə^{u}] Ditongo decrescente de central meio-aberto para posterior fechado. Ocorrência restrita à posição final da palavra.

[ha^{l}bə^{u}] 'não'

[akɨ^{l}zə^{u}] 'traga'

[a^{ɛ}] Ditongo decrescente de central intermediário (de meio aberto para aberto) para anterior intermediário (de meio aberto para aberto). Foi encontrado somente em uma palavra. Mesmo nesta palavra a pronúncia deste ditongo não é constante.

[a^{ɛ}^{l}zu] 'animal roedor parecido com coelho'

2.1.3.3 Vogais Longas

[V:] Vogais longas. Ocorrem sempre na primeirá sílaba de palavras monomorfêmicas ou em sílabas que antecedem posições de sílabas que foram apagadas.

2.2 Registro de Fala Informal

Os segmentos que serão alistados a seguir são atestados somente em registro de fala informal:

2.2.1 Vogais nasais.

Ocorrem em posição medial e final na palavra.

REGISTRO INFORMAL	REGISTRO FORMAL	
[gʲãzubuˈni]	[gʲazubuˈni]	'coração'
[ɦũⁿdaˈnu]	[huⁿdaˈnu]	'tamanduá (sp)'
[d͡ʒakumãhuˈsu]	[d͡ʒakumahuˈsu]	'animal noturno (sp)'
[d͡ʒãdumuˈɾi]	[d͡ʒanɨdumuˈɾi]	'porco caititu'
[kaβkaˈnã]	[kabɨkaˈna]	'anzol'
[wad͡ʒuˈmã]	[wad͡ʒuˈma]	'cante'

2.2.2 Oclusivos Ensurdecidos.

Ocorrem somente em posição medial.

REGISTRO INFORMAL	REGISTRO FORMAL	
[ʃʲuβˈkʷa]	[ʃʲubuˈkʷa]	'nome próprio feminino'
[kaβkaˈnã]	[kabɨkaˈnã]	'anzol'
[haβʃiˈci]	[habiʃiˈci]	'carrapato (sp)'

2.2.3 Ditongos Decrescentes.

Ocorrem em posição medial na palavra (Como já foi dito, no registro de fala formal este tipo de ditongo é restrito à posição final.)

REGISTRO INFORMAL	REGISTRO FORMAL	
[d͡ʒɛⁱnʲɛˈɾi]	[d͡ʒɛnʲɛˈɾi]	'enfeite'
[aⁱdʲeⁱ]	[aˈdʲeⁱ]	'nome próprio feminino'
[eⁱdʲaˈhɨ]	[iːdʲaˈhɨ]	'urucum'

2.2.4 Oclusivos aspirados.

Ocorrem somente em posição medial.

REGISTRO INFORMAL	REGISTRO FORMAL	
[katʰaˈna]	[katʲahaˈna]	'banana d'água'
[d͡ʒubɛˈdʰu]	[d͡ʒubɛduˈhu]	'nome próprio masculino'

2.2.5 Oclusivos Pós-vocalizados.

Ocorrem somente em posição medial.

REGISTRO INFORMAL	REGISTRO FORMAL	
[gam^{ə}kɨˈza]	[gamakɨˈza]	'jogar'
[d͡ʒaməkahiˈri]	[d͡ʒamakahiˈri]	'porco queixada'
[ag^{ə}ɟɪʃiˈbu]	[agaɟɪʃiˈbu]	'vá buscar'

Alguns sons ocorrentes no registro de fala informal, não serão levados em conta na análise fonêmica apresentada neste trabalho, que se baseia nos sons característicos de registro formal. Para todos os casos pode-se explicar a ocorrência deles através de processos que ocorrem em sílabas átonas. Estão registrados neste trabalho apenas dar ao ao leitor uma visão mais geral dos segmentos encontrados na fala corrente.

2.3. Segmentos Descritos em Outros Trabalhos

Além dos fones que já foram descritos, incluo a seguir uma pequena discussão a respeito de alguns sons apresentados por Kroemer, Weber & Silva (1987) como parte do quadro fonético de Suruwahá. Os símbolos e nomenclaturas são as mesmas utilizadas por estes autores.

[t̲] oclusiva dental surda

[d̲] oclusiva dental sonora

[s̲] fricativa dental surda

Em nossa pesquisa com inúmeros falantes, estes oclusivos de articulação dental nunca foram encontrados. Na realidade estes sons são alveolares. Quanto ao fricativo dental sua

ocorrência se restringe, segundo os autores, às sílabas tônicas. Esta análise não foi confirmada ao ser testada.

[ɖ] fricativa interdental sonora

Os autores a definem como um variante do [z] , em palavras como [haɖawa] ~ [hazawa] 'esposa '. Esta variante, porém, ao ser testada com os falantes, não foi aceita.

[ž] fricativa alveopalatal sonora

[y] semivocóide palatal

[d͡ž] africada alveopalatal sonora

Os autores analisaram estes segmentos como variantes livres de um fonema / j / como por exemplo na palavra /jokihi/ 'Igarapé Pretão', que teria as seguintes pronúncias alternativas: [d͡žokiˈhi] ~ [žokiˈhi] ~ [yokiˈhi]. Porém ao serem testadas com falantes nativos, a única pronúncia aceita foi com a africada alveopalatal sonora.

[t͡š] africada alveopalatal surda

Descrita como variante livre de [š], como na palavra [t͡šawaiˈdi] ~ [šawaiˈdi] 'panela'. Tal variação, ao ser testada com falantes nativos não foi aceita. A palavra na realidade é : [ʲawaˈd͡ʒi] 'cuia para beber caldo'. A palavra para panela é na realidade [iʃʲaˈha].

[ü] vogal anterior alta arredondada

[ɵ̈] vogal central média arredondada

Estes sons foram apresentados como variantes do fonema / y / , tendo a seguinte distribuição:

[ü] ocorre depois de [w]

[ɵ̈] ocorre depois de [m] e [b]

Estes segmentos também não foram encontrados em nossa pesquisa.

[e] vogal anterior média não arredondada

Esta vogal também não foi encontrada no registro de fala lenta. Às vezes ela ocorre como variante do [ɪ] na fala rápida . Na maioria dos casos onde Kroemer, Weber & Silva registram a ocorrência desta vogal, nossa pesquisa atestou a ocorrência [ɵ], vogal muito comum na fala corrente em sílabas átonas. Em outros casos foi encontrado [i], ou até [a].

2.4. Quadros Fonéticos

SEGMENTOS CONSONANTAIS

	labial	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusivo	p b b^j	t t^j d nd d^j		c ɟ	k k^w k^j g g^w g^j	
nasal	m m^j	n n^j				
tepe		ɾ $ɾ^j$				
africado		t͡s d͡z	d͡ʒ $^nd͡ʒ$			
fricativo		s z	ʃ $ʃ^j$			h h^w h^j

APROXIMANTES

lábio-velar
w

SEGMENTOS VOCÁLICOS

	anterior	central	posterior
	não- arredondado		arredondado
fechada	i iː	ɨ ɨː	u uː
intermediária (fechada-meio fechada)	ɪ		ʊ
intermediária (meio fechada-meio aberta)		ə ə˞ ə^{n}	
meio-aberta	ɛ ɛː	a aː	

3. ANÁLISE FONÊMICA

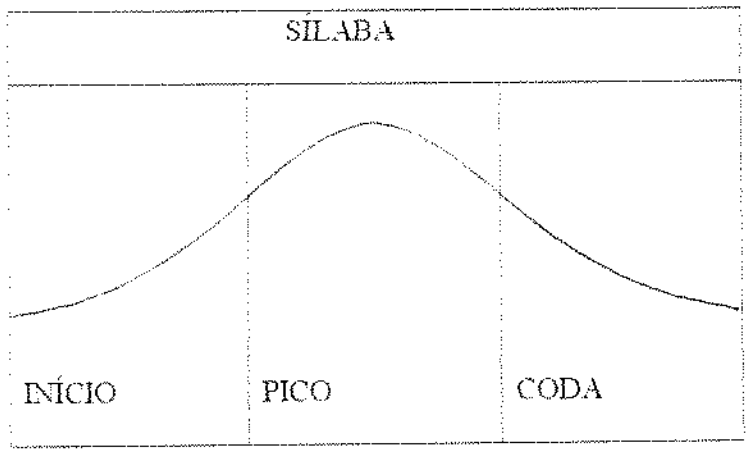
3.1 Interpretação de Segmentos e Seqüências de Segmentos Ambivalentes

Antes de submeter os segmentos fonéticos alistados no quadro aos procedimentos de descoberta de contraste e distribuição complementar, tomaremos algumas decisões preliminares com relação aos segmentos e seqüências chamadas ambivalentes.

Estas decisões serão tomadas levando-se em conta uma das premissas de Pike que diz o seguinte: *' Seqüências características de sons têm um papel fundamental (exercem uma pressão estrutural) na interpretação de seqüências e segmentos ambivalentes.'* E para isto também é preciso assumir que *' em toda língua existem dois grupos principais de sons que tem uma distribuição diferenciada muito bem definida.'* Isto levando-se em conta características articulatórias típicas de cada um e também suas características distribucionais, especialmente em relação à sílaba. Pike (1947) in Pike (1966).

São as características articulatórias e acústicas dos segmentos, e o contexto em que se encontram, que vão justificar a interpretação destes segmentos como segmento consonantais ou como vogais, ou de certas seqüências como uma unidade ou uma seqüência de segmentos.

Os segmentos fonológicos não se distribuem ao acaso dentro de uma sílaba. Segundo Pike (1947) in Pike (1966) , a sílaba espelha a noção de onda rítmica, contendo um início, pico e coda.



Ou seja, pode-se dizer que existe um pico de ressonância (geralmente uma vogal) que é o núcleo, com uma diminuição da ressonância para ambos os lados (geralmente um segmento consonantal). Valendo-se desta definição de sílaba, definiremos a estrutura silábica do Suruwahá observando a distribuição das seqüências e segmentos univalentes dentro da sílaba. E com base nos padrões encontrados vamos interpretar os segmentos e seqüências ambivalentes. Segundo os dados analisados foi possível determinar os seguintes padrões silábicos:

Sílabas CV. Esta forma canônica, tida como a sílaba universal, foi encontrada em todos os contextos.

[ka.ta.'ta]	CV.CV.'CV	'tipo de ave'
[sa.ra.'da]	CV.CV.'CV	'lixo'
[ci.'mi]	CV.'CV	'millho'
[bu.'ɟi]	CV.'CV	'tatu (sp)'
[sɨ.'bɨ]	CV.'CV	'fazer sexo'
[su.ku.su.'ku]	CV.CV.CV.'CV	'soluço'

Sílabas V. Foram atestadas somente em início de palavras e em final de palavras bissilábicas.

[a.'gi]	V.'CV	'caminho'
[a.da.'ha]	V.CV.'CV	'terra'
[ɨ.'ɨ]	V.V	'tipo de fruta'
[i.'mi]	V.'CV	'ingá'
[u.'ma]	V.'CV	'piranha'
[na.'i]	CV.'V	'mãe (vocativo)'
[ba.'u]	CV.'V	'nome próprio'
[ha.'i]	CV.'V	'cipó titica'
[i.'ri]	V.'CV	'palmeira (sp)'

3.1.1 Segmentos Consonantais Palatalizados.

A interpretação destes segmentos consonantais constitui uma das partes mais interessantes da fonologia Suruwahá. Existem várias possibilidades de análise para segmentos deste tipo. Segundo Burquest & Payne (1991) estes segmentos podem ser interpretados como uma seqüência do tipo CV, como uma seqüência CC ou como C complexo.

De acordo com os padrões univalentes encontrados no Suruwahá, é mais coerente que se interpretem estes segmentos como uma unidade C complexa. Se interpretasse esses segmentos como CV ou CC eu estaria criando padrões silábicos novos, não encontrados em seqüências não ambíguas.

Interpretação como CC:

[ʃi.ryu]	CV.CCV	'nome próprio'

Interpretação como CV:

[ʃi.ɾiu]	CV.CVV	'nome próprio'

Interpretação como C complexo:

[ʃi.ɾʲu]	CV. CV	'nome próprio'

Esta última interpretação, como unidade complexa, tem a vantagem de simplificar os padrões silábicos, sem criar nenhum padrão novo.

[a.ga.'ɾʲu]	V CV CV	'nome próprio'
[a'hʲa]	V CV	'me dê'
[ahirʲa]	V CV CV	'tipo de abelha'
[kurimʲa]	CV CV CV	'tipo de espírito'

Em Suzuki & Suzuki (1992), seqüências do tipo [ᵉ a], são apresentadas como base univalente para a postulação de ditongos na língua. Porém esta seqüência, na fala cuidadosa, ocorre como palatalização da consoante precedente. Na fala corrente, a seqüência univalente [ᵉa] é apenas resultado de um processo morfofonêmico. Ela ocorre somente após oclusivos labiais ou aproximantes labiovelares nas primeiras sílabas de palavras flexionadas na segunda pessoa do singular.

FALA LENTA	FALA RÁPIDA	
[wʲa ɾu'bi]	[wᵉaɾu'bi]	'sua orelha'
[mʲazaʃibʲadanaᵑgəʲ]	[mᵉazaʃibʲadanaᵑgəʲ]	'você vai morrer'

Por essa razão não considerei [^{s}a] como base válida para a postulação de ditongos em Suruwahá.

3.1.2 Segmentos Consonantais Labializados

Segmento consonantais deste grupo permitem as mesmas possibilidades de interpretação dos palatalizados. Pelas mesmas razões já discutidas acima, serão interpretados como um segmento consonantal complexo (C).

[k^{w}ak^{w}ara'nɨ]	CV CV CV CV	'sapo (sp)'
[k^{w}a 'k^{w}əi]	CV CV	'nome próprio'
[k^{w}ar^{j}a'ha]	CV CV CV	'nome de rio'
[ug^{w}ahu'wa]	V CV CV CV	'macaco (sp)'
[suru'h^{w}a]	CV CV CV	'tubérculo (sp)'

Em Suzuki (1995a) é descartada a possibilidade da interpretação das palatalizações e labializações como uma consoante complexa, tendo como argumento principal a economia funcional. Segundo a autora essa interpretação acrescentaria cerca de 20 unidades a mais no inventário de fonemas por ela propostos. Isto seria verdade se levássemos em conta palavras flexionadas, pois todos os verbos iniciados por consoantes, têm essas consoantes labializadas quando estão na primeira pessoa do singular, e palatalizadas quando estão na segunda pessoa do singular.

[ha'wa]	'coma!'

[hʲawabʲɛˈma] 'você vai comer?'

[hʷawaˈbʲɛ] 'eu vou comer.

O que acontece na realidade é um processo morfológico, onde o [i] é o morfema para designar a segunda pessoa singular, e o [u] é o morfema que designa a primeira pessoa do singular. A explicação para este processo é que [i] e [u] são prefixos pessoais. Ao serem afixados nos verbos, eles palatalizam ou labializam a consoante da raiz verbal, caso ela inicie com consoante. Caso ela seja iniciada por vogal, o [i] se transforma em [d͡ʒ] e o [u] se transformam em [w].

[akiˈʃi] 'traga!'

[d͡ʒakiˈru] 'você trouxe ?'

[wakiˈbʲɛ] 'eu trarei'

O mesmo ocorre com os substantivos de posse inalienável, como partes do corpo humano.

[waˈbɨ] 'minha língua '

[d͡ʒabaˈni] 'tua língua'

[udaˈmɨ] 'meu pé'

[idʲamaˈni] 'teu pé'

Porém com os verbos o processo continua e após a palatalização ou labialização o prefixo se perde, permanecendo como contraste apenas a consoante palatalizada ou labializada. Não se levando em conta esses dados flexionados, as labializações são todas explicadas como

alofones condicionados ambientalmente. ou seja sempre ocorrem depois de [u]. Até o presente momento foram encontradas somente sete palavras que são exceções:

[kʷaˈkʷəʲ]	nome próprio que tem origem onomatopáica. era o som que o indivíduo emitia quando chorava. kʷəʲ. kʷəʲ.kʷəʲ.
[kʷakʷaɾaˈnɨ]	nome de um tipo de sapo. provavelmente deve ser também de origem onomatopáica.
[kʷasaˈci]	nome de uma palmeira
[kʷaɾʲaˈha]	nome de um rio
[kʷakʷaˈⁿd͡ʒa]	espécie de macaco
[gʷəi]	expressão que denota desprezo (masc.)
[gʷaˈni]	expressão que denota desprezo (fem)

Com relação às palatalizações. não é possível encontrar evidências de contraste para todos os pares em palavras monomorfêmicas. A palatalização dos segmentos consonantais labiais. sempre que ocorre. é condicionada pela vogal [i] . Quando esta palatalização acontece sem estar aparentemente condicionada é em palavras flexionadas, como por exemplo: [mʲazaʃiɾu] 'você desmaiou?' que pode ser explicada por processos morfológicos de assimilação e de queda.

Em Suzuki (1995a) e Suzuki & Suzuki (1992) as palatalizações e as labializações são interpretadas de duas maneiras distintas. As causadas pela influência do [i] ou [u] quando antecedem uma consoante. e outra causada por ditongos iniciados por [i] ou [u] que sucedem a consoante. Ou seja para uma mesma unidade ética. o fone [Cʲ] ou o fone [Cʷ] . são dadas duas interpretações:

Se [C^{j}] é precedido por [i] a interpretação é [C^{j}]

Se [C^{w}] é precedido por [u] a interpretação é [C^{w}]

Se [C^{j}] não é precedido por [i] então é interpretado como [C ^{j}V]

Se [C^{w}] não é precedido por [u] então é interpretado como [C ^{w}V]

Esta interpretação resolve o problema das palatalizações e labializações que não podem ser explicadas através de processos de assimilação, e para isto, postula a existência de ditongos. Mas segundo descrito anteriormente não há seqüências univalentes que apóiem esta interpretação. Alem disso, esta análise cria um tipo de seqüência que não é encontrada em meio de palavras, que é CVV. E para resolver este problema torna-se necessário formular uma regra de ditongação e redução de moras.

Algumas das palatalizações e labializações que aparentemente parecem não ser do tipo condicionadas por [i] ou [u], são na realidade conseqüência de um processo de redução silábica. É muito comum o processo de queda de sílabas com núcleo formado por [i] ou [u] em sílabas átonas quando precedem consoantes que podem ser palatalizadas ou labializadas.

[ha:ˈkʲa] ' tem ' que é na realidade [harˈiˈkʲa]

[a:ˈhʲa] ' me dê ' que também é falado como [arˈiˈhʲa].

Os verbos flexionados na primeira ou segunda pessoa como por exemplo: [hʲukʷanaˈɾu] ou [gʷanʲaˈʃʲu], são interpretados em Suzuki (1995a) como ditongos. Porém pode-se encontrar na fala do mais velhos a palatalização e labialização condicionadas pelos fones [i] e [u] respectivamente.

[ug^{w}an^{j}a'ʃ^{j}u] ' eu não vi'

[ih^{j}uk^{w}ana'ru] ' você peidou?'

[uhuk^{w}ana'ʃ^{j}u] ' eu não peidei'

Por estas razões acima não considero muito interessante a análise que interpreta tais segmentos como ditongos, como proposto por Suzuki (1995a).

3.1.3 Africados

Africados podem ser interpretados como uma seqüência de duas consoantes (CC), ou como uma consoante complexa (C). Devido ao único padrão univalente encontrado nos dados ser o de sílabas que se iniciam com segmentos consonantais simples (CV), todos os africados serão interpretados como um só segmento (C).

[d͡ʒu'wi]	CV CV	'macaco (sp)'
[d͡ʒawa'ri]	CV CV CV	'pote de barro'
[amu'd͡zɨ]	V CV CV	'gorduroso!'

3.1.4. Segmentos Consonantais Pré-nasalizados

Da mesma maneira que os africados, e pelas mesmas razões, os segmento consonantais pré-nasalizados serão interpretados como uma unidade complexa.

[hu^{n}da'nu] CV CV CV 'animal (sp)'

3.1.5 Aproximante Lábio-velar

Estes segmentos, também considerados ambíguos, podem ser interpretados como vogal (V) ou como consoante (C). Como não existem ditongos univalentes, a interpretação como vogal não é possível. Por esta razão, serão interpretados como consoantes (C).

[ka'wa]	CV CV	'arara (sp)'
[wɨ'wɨ]	CV CV	'nervoso'
[waga'ru]	CV CV CV	'árvore (sp)'
[wi'nu]	CV CV	'árvore (sp)'
[huwa'tɨ]	CV CV	'formiga (sp)'
[ʃiwi'ri]	CV CV	'macaco (sp)'

3.1.6. Segmentos Vocálicos Longos.

Estes segmentos podem ser interpretados tanto como seqüências de vogais (VV), quanto como uma única vogal (V). Serão interpretados como apenas um único segmento, já que não foi encontrada nenhuma seqüência do tipo VV que fosse univalente.

[ha:'mi]	CV CV	'nome próprio masculino, fome'
[a:'ɲi]	V CV	'caminho'
[i:'mi]	V CV	'ingá'

3.1.7 Ditongos Decrescentes em Final de Palavra.

As opções de interpretação para uma seqüência deste tipo são três. A primeira possibilidade, que é a de interpretar este ditongo ético como uma vogal complexa (V), não encontra respaldo em seqüências univalentes na língua. Como já foi dito, não existe nenhum ditongo univalente nos dados que justifique esta escolha. A segunda possibilidade de interpretação, (VC), ou seja, vogal seguida por segmento consonantal, também foi rejeitada por não existirem sílabas fechadas univalentes. A melhor opção foi considerar estes ditongos éticos como uma seqüência de duas vogais (V.V). Mesmo não havendo seqüências univalentes de vogais nos dados, esta análise foi escolhida porque, como já foi dito, sílabas V são permitidas em posição final, que é justamente o ambiente onde este ditongo foi encontrado.

[uhu'zəʲ]	[uhu'zai]	CV CV V	'nome próprio masculino'
[hini'd͡ʒəʲ]	[hini'd͡ʒai]	CV CV CV V	'nome próprio masculino'

3.1.8 Segmentos Vocálicos Altos:

Serão interpretados como vogais, ocupando núcleo de sílaba, pois na língua não foram encontradas seqüências de duas consoantes univalentes tipo CC.

[iniˈkʲa]	V CV CV	'tipo de castanha'
[uzuˈɾu]	V CV CV	'tipo de árvore'

3.2. Demonstração de Contraste

Segundo Pike (1947), "*Sounds tend to be modified by their environments.*" Esta premissa nos leva à pressuposição de que sons foneticamente semelhantes são alofones em potencial de um mesmo fonema. Já que, num dado sistema fonológico, nem todos os sons são alofones do mesmo fonema, nossa tarefa inicial é descobrir quais são os sons foneticamente semelhantes que não estão em distribuição complementar. O procedimento analítico proposto por Pike para refutar esta hipótese é a demonstração de contraste. Isto é, refutamos a hipóteses de alofonia através da demonstração de que certos sons, apesar de foneticamente semelhantes, não estão sendo afetados pelo ambiente onde ocorrem. A existência de pares mínimos e análogos é considerada por Pike evidência suficiente de contraste entre pares de sons semelhantes. Segundo Kindell, contraste é *uma relação lingüística entre dois sons em que a diferença fonética corresponde a uma diferença de significado.(198 :41).*

Seguindo estes procedimentos analíticos, a próxima etapa será a de agrupar pares de fones foneticamente semelhantes. Para os pares de fones para os quais se puderem encontrar evidências de contraste, estaremos demonstrando estas evidências através de pares mínimos e análogos. Nestes casos consideraremos os pares de fones em contraste como fonemas distintos.

Segue-se a lista de pares de sons foneticamentes semelhantes para os quais foi possível demonstrar contraste, através de contraste em ambientes idênticos(CAI) ou em ambientes análogos(CAA).

3.2.1. Demonstração de Contraste para Segmentos Consonantais e Aproximantes

[b] e [m] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[baˈsi] 'fruta (sp)'

[maˈsi] 'abelha (sp)'

[kaˈba] 'pile'

[kaˈma] 'plante'

[abiˈd͡ʒi] 'pai'

[amiˈd͡ʒi] 'mãe'

Logo, /b/ e /m/ são fonemas distintos.

[b] e [w] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[baˈsi] 'fruta (sp)'

[waˈsi] 'novo'

[ʃibiˈɾi] 'gavião'

[ʃiwiˈɾi] 'mico'

Logo, /b/ e /w/ são fonemas distintos.

[w] e [m] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[maˈsi] 'abelha (sp)'

[waˈsi] 'novo'

[huˈma] 'bananeira (sp)'

[huˈwa] 'pilão'

Logo, /w/ e /m/ são fonemas distintos.

[d] e [n] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[naˈi] 'mamãe'

[daˈi] 'jeju'

[uˈna] 'jacaré'

[uˈda] 'maloca'

Logo, /d/ e /n/ são fonemas distintos.

[dʲ] e [nʲ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[inʲaˈhɨ] 'ovo'

[idʲaˈhɨ] 'urucum'

Logo, /dʲ/ e /nʲ/ são fonemas distintos.

[k] e [g] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[kaˈhu] 'local de atar a rede'

[gaˈhu] 'seco'

[kaˈnʲa] 'macaco'

[gaˈnʲa] 'olhe'

Logo, /k/ e /g/ são fonemas distintos.

[w] e [k] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[haˈka] 'sorrir'

[haˈwa] 'coma'

Logo, /w/ e /k/ são fonemas distintos.

[w] e [g] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[waˈha] 'coruja (sp)'

[gaˈha] 'macaco-barrigudo'

Logo, /w/ e /g/ são fonemas distintos.

[s] e [z] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[muˈsa] 'coruja (sp)'

[muˈza] 'breu'

[suˈmi] 'verme'

[zuˈmi] 'veado'

Logo, /s/ e /z/ são fonemas distintos.

[s] e [ʃʲ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[aˈsu] 'minha sogra'

[aˈʃʲu] 'meu irmão mais novo'

[aˈsa] 'barreiro'

[aˈʃʲa] 'lontra'

Logo, /s/ e /ʃʲ/ são fonemas distintos.

[z] e [ʒʲ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[zaˈma] 'coisa'

[ʃʲaˈma] 'verme (sp)'

Logo, /z/ e /ʃʲ/ são fonemas distintos.

[z] e [d͡ʒ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[maˈzu] 'urubu rei'

[maˈd͡ʒu] 'peteca'

[baˈd͡ʒa] 'guarde'

[baˈza] 'coloque no fogo'

Logo, /z/ e /d͡ʒ/ são fonemas distintos.

[s] e [ʃ] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambientes análogos (CAA).

[maʃiˈri] 'pente'

[masiˈci] 'lua'

[asiˈhi] 'pele'

[aʃiˈca] 'tipo de cor'

Logo, /s/ e /ʃ/ são fonemas distintos.

[ʃʲ] e [d͡ʒ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[baˈʃʲa] 'cará'

[ba'd͡ʒa] 'guarde'

[ʃʲu'ɾu] 'uxi'

[d͡ʒu'ɾu] 'aquariquara'

Logo, /ʃʲ/ e /d͡ʒ/ são fonemas distintos.

[s] e [d͡ʒ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[wa'si] 'novo'

[wa'd͡ʒi] 'cuia de barro'

Logo, /s/ e /d͡ʒ/ são fonemas distintos.

[ʃ] e [d͡ʒ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[haʃi'ni] 'espinho'

[had͡ʒi'ni] 'mulher'

Logo, /ʃ/ e /d͡ʒ/ são fonemas distintos.

[nʲ] e [n] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[ka'na] 'cana-de-açúcar'

[ka'nʲa] 'macaco cairara'

Logo, /n/ e /nʲ/ são fonemas distintos.

[t] e [tʲ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[tu'hu] 'gripe'

[tʲu'hu] 'zarabatana'

[wata'ma] 'fruta (sp)'

[watʲa'ma] 'peixe (sp)'

Logo, /t/ e /tʲ/ são fonemas distintos.

[t] e [d] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[ta'hu] 'árvore (sp)'

[da'hu] 'jacu'

[bu'di] 'nome próprio masculino'

[bu'ti] 'rato (sp)'

Logo, /t/ e /d/ são fonemas distintos.

[t] e [ɾ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[hara'ɾi] 'luz'

[hata'ɾi] 'podre'

[kara'ɾa] 'claro'

[kata'ta] 'cigana'

Logo, /t/ e /ɾ/ são fonemas distintos.

[d] e [ɾ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI).

[ɾuˈɾi] 'tipo de brinquedo'

[duˈɾi] 'filhote de porco'

[aˈdu] 'planta (sp)'

[aˈɾu] 'eu'

Logo, /d/ e /ɾ/ são fonemas distintos.

3.2.2 Demonstração de Contraste para Segmentos Vocálicos

[i] e [ɨ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI) e em ambientes análogos (CAA).

[haˈmi] 'sapo (sp)'

[haˈmɨ] 'fome'

[aˈbi] 'fogo'

[aˈbɨ] 'língua'

[iˈmi] 'ingá'

[ɨˈmɨ] 'carne'

Logo, /i/ e /ɨ/ são fonemas distintos.

[u] e [ɨ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes idênticos (CAI) e em ambientes análogos (CAA).

[aˈhu] 'fio'

[aˈhɨ] 'folha'

[kuˈku] 'sogro em potencial'

[kɨˈkɨ] 'acne'

[haˈbu] 'carrapato'

[aˈbɨ] 'língua'

Logo, /u/ e /ɨ/ são fonemas distintos.

[a] e [ɛ] são foneticamente semelhantes: contrastam em ambientes análogos (CAA).

[tʲaˈha] 'capa'

[tʲɛˈhʲɛ] 'queimado'

Logo, /a/ e /ɛ/ são fonemas distintos.

3.3. Distribuição Complementar

No caso de pares de sons para os quais não se foi possível demonstrar constraste, voltamos à hipótese de distribuição complementar. Esta hipótese é confirmada cada vez que, para cada um dos sons se consegue atribuir um ambiente fonológico específico. Onde um som ocorre o outro não pode ocorrer, e vice versa.

[ʃʲ] e [ʃ] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar como variantes ambientais.

[ʃ] ocorre antes de [i]

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

[ʃiwiˈɾi] 'mico (sp)'

[kaʃiˈkɨ] 'sujeira'

[nahiˈʃi] 'jirau'

[ʃʲ] ocorre nos demais ambientes

[ʃʲaˈma] 'verme'

[ʃʲuˈɾu] 'uxi'

[aˈʃʲa] 'tipo de lontra'

[ʃʲɛmʲɛˈni] 'barro'

Logo, [ʃʲ] e [ʃ] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema /ʃ/.

[u] e [ʊ] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar como variantes livres em sílabas átonas (sem acento primário).

[huˈku] ~ [hʊˈku] 'imbaúba'

[suˈdu] ~ [sʊˈdu] 'cubiu'

[buˈɟi] ~ [bʊˈɟi] 'tatu (sp)'

Logo, [ʊ] e [u] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema /u/.

[i] e [ɪ] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar como variantes ambientais em sílabas átonas.

[ɪ] ocorre entre oclusivos alveolares e nasal alveolar

[amadɪˈni] 'mãe'

[hurˈatɾˈni] 'buzina feita de envira'

[ahidɾˈni] 'filha'

[atɾˈni] 'fala, som, barulho, cujo emissor é fem.'

[ɨ] ocorre nos demais ambientes.

[haʃicɨˈɾɨ] 'camarão'

[karɨˈbi] 'peixe (sp)'

[ʃibiˈɾɨ] 'gavião (sp)'

[karasiˈni] 'tempestade de vento'

[mahɨˈni] 'cheiro cujo possuidor é fem.'

[ibɨˈni] 'nome próprio'

Logo, [ɪ] e [ɨ] são variantes da mesma unidade émica, o fonema /ɨ/.

[a] e [ə] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes posicionais.

[ə] ocorre antes de [i] ou [u] no final de palavras que tenham mais de 2 sílabas.

[uhuˈzəi] 'nome próprio'

[uhuˈɾəi] 'inseto (sp)'

[akɨˈzəu] 'traga!!'

[a] ocorre nos demais ambientes.

[azaˈna] 'pequiá'

[haɾaˈma] 'fitas que envolvem a zarabatana'

[bara'wa] 'quelônio (sp)'

[ʃ'araʃ'a'ra] 'papagaio (sp)'

[katara'ma] 'cobra (sp)'

Logo, [a] e [ə] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema / a /.

Um dado importante que pode confirmar essa análise é a formação de um nome próprio:

[hini'd͡ʒəi] tem origem na palavra [hinid͡ʒa'ri], que significa 'alívio'.

[ɜ] e [ɨ] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes livres em posição não acentuada primariamente.

[kɜ'kɨ] ~ [kɨ'kɨ] 'acne'

[kɜrɨ'wɨ] ~ [kɨrɨ'wɨ] 'preguiça (sp)'

[hɜrɨ'sa] ~ [hɨrɨ'sa] 'jandiá'

Logo, [ɜ] e [ɨ] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema / ɨ /.

[w] e [wʲ] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes ambientais.

[wʲ] ocorre depois de [i], somente em fronteiras de morfemas, mais especificamente após o prefixo pessoal de segunda pessoa { -i }

[wʲakuri'ni] 'teu cotovelo'

[i - wakuri - ni] 'seg.pes.sg. - cotovelo - fem.'

[w] ocorre nos demais ambientes

[ka^{l}wa] 'arara'

[waku^{l}ɾi] 'meu cotovelo'

Logo, [w] e [w^{j}] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema /w/.

[b] e [b^{j}] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes ambientais.

[b^{j}] ocorre após a vogal [i], e somente ocorre em fronteiras de morfemas.

[b^{j}u^{l}tana^{l}ɾu] 'você está grávida?'

[i - buta - na - ɾu] 'seg. pes. sg. - grávida - aux. - fem.'

[ʃiɾici^{l}b^{j}a] 'vai ser um ʃiɾici'

[ʃiɾici - ba] 'espécie de tipiti - futuro'

[b] ocorre nos demais ambientes

[ba^{l}mi] 'água'

[buɾa^{l}ku] 'pirarucu'

[ʃ^{j}a^{l}bi] 'convexo'

Logo, [b] e [b^{j}] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema /b/.

[m] e [m^{j}] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar como variantes ambientais

[mʲ] ocorre depois de [i] e antes de [a] e em fronteiras de morfemas, quando for precedido de [i].

[ʃiriˈmʲa]	'tapagem de igarapé'
[ciʃiˈmʲa]	'tatu canastra '
[mʲazaʃiru]	'você desmaiou?'
[i - maza - ʃi - ru]	'seg.pes.sg. - morrer - ? - fem.'

[m] ocorre nos demais ambientes

[ʃʲaˈma]	'verme (sp)'
[aˈmu]	'caranguejo'
[abaˈmi]	'fruta (sp)'

Logo, [m] e [mʲ] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema / m /.

[k] e [kʷ] são foneticamente semelhantes e o correm em distribuição complementar como variantes ambientais.

[kʷ] ocorre em palavras monomorfêmicas depois de [u] e antes de [a] e em fronteira de morfemas antes de [u].

[sukʷaˈdɨ]	'tanga'
[ukʷaˈɾi]	'buriti'
[kataɾukʷa]	'kataru tópico'
[kataru - ka]	'nome próprio - tópico'

[k] ocorre ns demais ambientes

[anaku'za] 'fruta (sp)'

[kasa'ka] 'diarréia'

[kuna'ha] 'timbó'

Obs: No ambiente seguido de [u] e antes de [i], [k] e [k^{w}] ocorrem como variantes livres, na fala de algumas pessoas.

[d͡ʒuki'hi] 'nome de rio'

[d͡ʒuk^{w}i'hi] 'nome de rio'

Logo, [k] e [k^{w}] são variantes de uma mesma unidade émica, o fonema /k/.

[g] e [g^{w}] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar com variantes ambientais.

[g^{w}] ocorre entre as vogais [u] e [a] e em fronteira de morfemas quando é precedido por [u]

[ug^{w}ari'ni] 'sorva'

[dug^{w}a'wɨ] 'adulto de meia idade'

[g^{w}anɨda'ri] 'estou me avermelhando'

[u - ganɨda - ri] 'eu - avermelhar - masc.'

[g] ocorre nos demais ambientes

[waga'ru] 'árvore (sp)'

[gawa'ni] 'macaco zoguezogue'

[gusaˈwa] 'ave (sp)'

Logo, [g] e [gʷ] são variantes de uma mesma unidade êmica, o fonema / g /.

[h] e [hʷ] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes ambientais.

[hʷ] ocorre entre [u] e [a] e em fronteira de morfemas quando é precedido por [u].

[ʃuruˈhʷa] 'barata'

[kuhʷaˈni] 'cesto de folha de patauá'

[buˈhʷa] 'embaixo de '

[hʷawaˈba] 'eu comerei'

[u - hawa - ba] 'eu - comer - fut.'

[h] ocorre nos demais ambientes

[hahaˈni] 'ariá'

[hiˈri] 'capivara'

[huwaˈtɨ] 'tocandeira'

[kunaˈha] 'timbó'

Obs: Nos ambientes entre [u] e [i] : [u] e [ɨ], as consoantes [h] e [hʷ] ocorrem como variantes livres.

[uˈhʷɨ] ~ [uˈhɨ] 'padrão de medida'

[uˈhʷi] ~ [uˈhi] 'choro ritual'

Logo, [h] e [hʷ] são variantes da mesma unidade êmica, o fonema / h /

[k] e [c] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes ambientais.

[c] ocorre antes de [i]

[ciˈmi] 'milho'

[tumasiˈci] 'palmeira (sp)'

[iˈci] 'peixe (sp)'

[k] ocorre nos demais ambientes

[hakuˈɾi] 'tamanduá bandeira'

[kɨɾɨˈsɨ] 'ave (sp)'

[kaˈti] 'cobra cega'

Logo. [k] e [c] são variantes de uma mesma unidade êmica, o fonema [k]

[g] e [ɟ] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes ambientais.

[ɟ] ocorre antes de [i]

[buˈɟi] 'tatu (sp)'

[aˈɟi] 'caminho'

[g] ocorre nos demais ambientes

[gaˈha] 'macaco barrigudo'

[gusaˈwa] 'ave (sp)'

[aˈgɨ] 'pegador'

Logo, [g] e [ɟ] são variantes de uma mesma unidade êmica, o fonema / g /.

[t͡s] e [s] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes gramaticalmente condicionadas.

[t͡s] ocorre em palavras enfatizadas

[t͡saˈmi] 'abacaxi (falado com ênfase) '

[s] ocorre nos demais contextos

[saˈmi] 'abacaxi'

Logo, [t͡s] e [s] são variantes de uma mesma unidade êmica, o fonema / s /.

[d͡z] e [z] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes gramaticalmente condicionadas.

[d͡z] ocorre em situações de ênfase.

[amuˈd͡zɟ] 'gordura (muita gordura!!!)'

[z] ocorre nas demais situações

[amuˈzɟ] 'gordura'

Logo, [d͡z] e [z] são variantes de uma mesma unidade êmica, o fonema / z /.

[g] e [gʲ] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes ambientais.

[gʲ] ocorre entre [i] e [a] e em fronteira de morfemas quando é precedido por [i]

[igʲaˈɪɨ] 'animal de pequeno porte.'

[gʲaˈnʲa ku] 'você viu?'

[i - gaˈnʲa ku] 'seg.pes.sg. - ver interr.'

[g] ocorre nos demais ambientes

[gaˈha] 'macaco barrigudo'

[aˈgɨ] 'pegador'

[gusaˈwa] 'galo do mato'

Logo, [g] e [gʲ] são variantes de uma mesma unidade êmica, o fonema /g/.

[h] e [hʲ] são foneticamente semelhantes e estão e distribuição complementar como variantes ambientais

[hʲ] ocorre entre [i] e [a] e em fronteira de morfemas, quando for precedido po [i]

[ʃihʲaˈta] 'azedo'

[abiˈhʲa] 'peixe (sp)'

[hʲukʷanaˈɾu] 'você peidou ?'

[i - hukʷa - na - ɾu] 'seg.pes.sg. - peidar - aux. - fem.'

[h] ocorre nos demais ambientes.

[hiˈɾi] 'capivara'

[huˈku] 'imbaúba'

[hɨɾɨˈsa] 'jandiá'

[haˈmɨ] 'fome'

Logo, [h] e [hʲ] são variantes de uma mesma unidade êmica. o fonema / h /.

Até o momento foi encontrada apenas uma palavra em que a palatalização não é condicionada pelo [i].

[hʲaː] 'aqui'

[k] e [kʲ] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar como variantes ambientais.

[kʲ] ocorre entre [i] e [a] e em fronteiras de morfemas. quando for precedido por [i]

[ʃiˈkʲa] 'ave (sp)'

[ibiniˈkʲa] 'nome próprio - tópico'

[ibiˈni - ka] 'nome próprio - tópico'

[iniˈkʲa] 'tipo de castanha'

[kʲasakanaˈɾu] 'você está com diarréia?'

[i - kasaˈka - na - ɾu] 'você-diarréia-aux.-fem.'

[k] ocorre nos demais ambientes

[huˈku] 'imbaúba'

[katuˈmi] 'banana (sp)'

[kasaˈda] 'choça de espera'

[kuɾiˈrʲa] 'jauari'

Logo, [k] e [kʲ] são variantes de uma mesma unidade êmica, o fonema / k /.

Há também duas exceções, em que o fone palatalizado [kʲ] ocorre fora do contexto de palatalização:

[mukʲa] 'lagarta de fumo'.

[bakʲaˈma] 'tipo de planta venenosa'

Segmentos Vocálicos Longos não constituem fonemas na língua e sua distribuição está condicionada a fatores prosódicos que serão apresentados mais adiante.

3.4 Resíduos.

Para os seguintes pares não foi possível encontrar evidências de contraste ou distribuição complementar:

[ɾ] e [ɾʲ]

[d] e [ⁿd] ; [d͡ʒ] e [ⁿd͡ʒ]

[d] e [dʲ]

Baseado em critérios de ocorrência e simetria fonética damos a seguinte interpretação para esses pares de segmentos:

[ɾ] e [ɾʲ] são fonemas distintos.

Esta afirmação está baseada numa das premissas propostas por Pike, o princípio que diz que os sistemas de sons tendem a ser simétricos. Todos os sons alveolares estão em contraste com

sua parte palatalizada. Os segmentos [ɾ] e [ɾʲ] também ocorrem nos mesmos ambientes o que é um forte indício de que são unidades distintas .

[d] e [ⁿd] : [d͡ʒ] e [ⁿd͡ʒ]

Pouco se pode dizer a respeito destes pares, pois a ocorrência deles é muito restrita.

No início deste trabalho foi mencionada a nasalização no registro de fala rápida. É muito comum neste registro o desaparecimento de sílabas cujo *onset* seja uma consoante nasal. Ao desaparecer , esta sílaba deixa um vestígio, que pode ser:

i) uma consoante nasal fechando a sílaba anterior sem nasalizar a vogal que antecede.

ii) uma consoante nasal fechando a sílaba anterior que assimila o ponto de articulação da consoante seguinte e nasaliza a vogal que antecede.

iii) a nasalização da vogal anterior e a criação de um segmento de contorno na consoante seguinte caso ela seja uma oclusiva ou africada.

FALA CUIDADOSA	FALA RÁPIDA	
[d͡ʒa.ma.ka.hi.ˈɾĩ]	[d͡ʒam.ka.hi.ɾĩ]	'queixada'
[na.ba.nĩ.ba.ɾĩ]	[na.bãm.ba.ɾĩ]	'me dê'
[gʲa.nʲa.ʃi.ɾu]	[giã.ʃi.ɾu]	'você viu ?'

O que parece é que a língua está num processo de mudança. Em algumas palavras que apresentavam nasalização, os jovens não conseguiram reconstituir a sílaba nasal. Já os mais

velhos foram capazes de reconstituir. As únicas palavras que nem os jovens nem os velhos conseguiram reconstituir foram as seguintes:

[hu^{n}da^{l}nu]	'tamanduá'
[^{n}da]	'conjunção '
[k^{w}ak^{w}a^{ln}d͡ʒa]	'animal preto (sp)'
[u$^{l^{n}}$di]	'meu neto'. (A sílaba com onset nasal pode ser reconstituída na palavra ' seu neto' [inidi])

Se este processo continuar assim parece que a perda de uma sílaba nasal vai criar novos fonemas na língua, que serão ou vogais nasalizadas ou segmentos de contorno.

3.5. Restrições de Ocorrência.

-O fonema 's' não ocorre depois de [i].

-O fonema 'z' não ocorrem contíguo a [i]

-Os seguintes fonemas não ocorrem entre [i] e [a]:

' d ', ' r ', ' t / e / n '

- Fonemas palatalizados não ocorrem antes de [i]. Apenas uma excessão foi encontrada em um nome próprio: [ud^{j}i]

3.6. Quadros Fonêmicos:

SEGMENTOS CONSONANTAIS

	labial	alveolar	alveopalatal	velar	glotal
oclusivos		t tʲ		k	
	b	d dʲ		g	
nasal	m	n nʲ			
tepe		ɾ ɾʲ			
africado			d͡ʒ		
fricativo		s	ʃ		h
		z			

	lábio-velar
APROXIMANTE	w

SEGMENTOS VOCÁLICOS

	anterior	central	posterior
	não- arredondado		arredondado
fechada	i	ɨ	u
meio aberta	ɛ		
intermediária (meio-aberta/aberta)		a	

4.PROSÓDIA

4.1. A Sílaba

A estrutura silábica do Suruwahá é basicamente CV em todas as posições.

[ciʃiˈmiˈa]	CV.CV.ˈCV	'tatu'
[haˈbu]	CV.ˈCV	'carrapato'

Porém pode se encontrar sílabas do tipo V em início de palavras ou em final de palavras bissilábicas.

[i:giˈaˈtɨ]	V.CV.ˈCV	' classe de animal'
[ba:ˈi]	CV.ˈV	' trovão'

As sílabas do tipo V quando ocorrem em final de palavras com mais de duas sílabas, sofrem um processo de ditongação. As únicas vogais que ocorrem neste contexto são [i] e [u].

[uhuˈrəˈi]	V.CV.ˈCV.V	'tipo de inseto'
[ganˈiasaˈməʷ]	CV.CV.CV.ˈCV.V	'não olhe'

Em Suzuki (1995a e b) as sílabas do tipo V. não constam como parte da estrutura silábica do Suruwahá. Para explicar tal fato, este tipo silábico é considerado material extra-silábico, pois a ocorrência dele é restrito às margens das palavras. Sendo as sílabas V extra-silábicas, elas deveriam ser invisíveis à acentuação, o que não ocorre em alguns casos. Para dar conta de tal fato foram utilizados os conceitos de Palavra Mínima e Palavra Ótima. A palavra mínima constitui-se de duas moras e a palavra ótima de dois pés. A extra-silabicidade será suspensa toda vez que for necessário para se chegar à palavra mínima ou à palavra ótima. Isto é suficiente para explicar palavras como:

[ɨˈɨ]	'muratinga'
[taˈa]	'você'
[aˈbi]	'fogo'
[ˌazuˈwa]	'caju'

Mas para explicar palavras como [u:hu'rə'] é preciso supor que língua só permite seqüências do tipo CV.'V para se alcançar o padrão de palavra mínima. Já em casos de palavras ótimas a língua tem preferência por manter o padrão silábico CV, optando em deixar a última sílaba extra-prosódica. Isto é explicado por Everett (1995) em termos de minimalidade absoluta, que se refere à palavra mínima composta por duas moras e minimalidade ideal , que se refere à palavra ótima. Ou seja a língua vai a qualquer custo alcançar a minimalidade absoluta. Já para alcançar a minimalidade ideal a língua vai preferir lançar mão de outros recursos como inserção de mora, a fim de preservar o padrão silábico. Segundo Suzuki (1995a e b) e Everett (1995), uma das razões principais de que o tipo silábico V não faz parte do padrão silábico da língua é que sua ocorrência é muito restrita. Era de se esperar que pelo menos ele ocorresse em todas as posições na palavra e que houvesse seqüências de sílabas V no interior de palavras.

Como este trabalho está basicamente baseado em conceitos de uma teoria descritiva, vou considerar o tipo silábico V como parte do padrão silábico do Suruwahá. Esta escolha simplifica a análise em termos de regras.

4.2. Acentuação

A sílaba tônica em Suruwahá é sempre a última sílaba da palavra e tem função demarcativa. Um dos critérios acústicos que ajudam na percepção desta sílaba é o tom. A sílaba tônica sempre vem acompanhada de tom alto.

[ha:'bu]	' carrapato'
[i:gʲa'ɨ]	' animal'
[kaʃinʲa'ri]	' tipo de planta'

Algumas palavras parecem fugir deste padrão , como por exemplo um nome próprio: [d͡ʒada:bu], em que a tonicidade parece estar na sílaba [da]. Porém isto se deve a um alongamento compensatório da segunda sílaba, que mascara a intensidade da última sílaba que

continua carregando o tom mais alto que as demais. A palavra na realidade é a junção de dois morfemas [d͡ʒada'wa - bu] 'seja gente' que sofreu uma contração.

A acentuação secundária é sempre observada na primeira sílaba da palavra.

[ˌaːma'sa]	'muito'
[ˌharaka'dɨ]	'arco'
[ˌcicid͡ʒa'ma]	'fruta (sp)'

Em Suzuki (1995a) e Everett (1995) o sistema de acentuação proposto é iâmbico, ou seja a acentuação é resultado da construção de pés binários com núcleo à direita. Esta conclusão está apoiada em dados como [ˌkaruku'ba] 'atire', que é acentuado como [kaˌruku'ba].

Uma forte evidência de que a segunda sílaba não é acentuada, é que sílabas com [h] ou [ɾ] no onset, tendem a desaparecer em contexto átono no registro de fala corrente.

[ˌharaka'dɨ]	'arco'
[haːrka'dɨ]	'arco' (no registro de fala corrente)

Se a segunda sílaba fosse realmente acentuada ela não sofreria o processo de apagamento silábico. O sistema iâmbico é valido para a acentuação primária, mas não serve para a acentuação secundária. Ao se observar a acentuação secundária em palavras de quatro sílabas pode se notar um sistema trocaico.

[ˌkaraku'wɨ]	'nojo'
[ˌmakaha'ɾa]	'tipo de tubérculo'
[ˌawabi'd͡ʒa]	'batata-doce'

Utilizando a mesma base teórica para descrição da sílaba dos trabalhos de Suzuki (1995a e b) e Everett (1995), pode-se dizer que em Suruwahá o pé fonológico é binário construído sobre moras. E as palavras são parceladas em pés diferentes. Um pé trocaico, responsável pela acentuação secundária (sendo a sílaba acentuada o troqueu mais à esquerda) seguido de um pé iâmbico, responsável pela acentuação primária.

4.3. Alongamento Vocálico

Em Suruwahá as vogais da primeira sílaba de palavras bi e trissilábicas são claramente alongadas. Sobre estas vogais longas deveria estar associado o tom alto, pois é sempre na primeira sílaba que ocorre o acento secundário.Porém pode-se notar uma mudança de tom nestas vogais longas, que começa alto e termina baixo, criando assim um tom deslizante de alto para baixo, que é exatamente o tipo de melodia criada por uma seqüência de sílaba tônica e átona. Sendo assim pode se dizer que as vogais longas formam na realidade um pé completo e se encaixam perfeitamente no sistema de acentuação secundário proposto.

Segundo Suzuki (1995b) esse alongamento está diretamente ligado às palavras ótimas, ou seja, para alcançar o padrão rítmico de uma palavra ótima que é constituída por dois pés, a língua se utiliza de um processo de inserção de mora. Este processo pode ser descrito assim: uma mora é inserida após a vogal da primeira sílaba de palavras bi ou trissilábicas.

Este processo é válido quando se pensa numa palavra com menos de dois pés tentando atingir o ideal. Mas podemos encontrar exemplos vindos numa direção contrária, como por exemplo: a palavra [ˌanidʲaˈwa] que é uma palavra ótima, sofre um processo de contração e passa a ser articulada como [ˌaːnˈdʲəʷ], ou [ˌharakaˈdɨ] que passa a ser [ˌhaːkaˈdɨ]. Não parece muito

produtivo uma palavra que se encaixa no padrão ótimo, sofrer um processo de contração que vai tirá-la do padrão ótimo. E logo depois numa tentativa para que a mesma palavra se aproxime do padrão ótimo a língua insira uma mora.

A minha interpretação é que o alongamento é apenas conseqüência do tom deslizante de alto para baixo que sempre vai estar associado à primeira sílaba da palavra. Ou seja a língua tem um padrão melódico específico para a primeira sílaba da palavra, que é um tom deslizante de alto para baixo. Apesar das palavras com mais de três sílabas não apresentarem o alongamento bem evidente, é fácil notar o tom deslizante da primeira sílaba.

As vogais longas também aparecem no registro de fala corrente, quando há um processo de apagamento de sílabas átonas em meio de palavras. O comportamento prosódico é o mesmo citado anteriormente, ou seja apresentam um tom de contorno de alto para baixo, como se observa na pronúncia do nome próprio masculino a seguir:

[ˌd͡ʒadawa'bu] (registro lento)

[ˌd͡ʒadaa'bu] (registro rápido)

Isto significa, que ainda que seqüências de segmentos sejam apagados, a língua ainda vai procurar manter o padrão melódico, através de alongamentos vocálicos.

5. CONCLUSÃO

Como foi mencionado na introdução, o grupo Suruwahá é formado por uma junção de sete grupos diferentes. Segundo relato dos índios todos os grupos podiam se comunicar entre si. Porém é interessante notar que mesmo hoje existe um modo específico de falar de algumas pessoas, que segundo eles é o modo de falar do grupo do qual a pessoa descende. Um caso bem típico é de um senhor de aproximadamente 50 anos chamado [ʃʲamitirʲa]. Ele é um dos que em palavras monomorfêmicas, labializa todas as consoantes após [u], enquanto que a maioria dos falantes só o fazem quando a consoante for seguida de [a].

A minha hipótese é que esses grupos falavam uma língua comum, com algumas diferenças. A partir do momento que passaram a conviver juntos numa única comunidade, a língua começou a sofrer um processo de regularização. Isto explicaria porque se encontram contra exemplos para regras de distribuição complementar, e porque a existência de fonemas com ocorrência bem restrita.

Ao meu ver a língua está num estágio de definição de alguns fonemas, como é o caso do [ɛ] e dos segmentos palatalizados e labializados. O [ɛ] não é muito comum no registro de fala lenta. Quando ocorre neste registro é sempre precedendo consoantes palatalizadas. As únicas exceções registradas são as palavras [amɛhiʲni] e [ʃʲɛmɛʲni]. Por outro lado é muito comum no registro de fala corrente, e pode ser explicado pela seguinte regra:

A vogal [a] assimila o traço anterior se tornando [ɛ] em registro de fala corrente quando é precedida por um segmento palatalizado ou alveopalatal.

[kurimʲa] 'tipo de espírito' fala lenta

[kurimʲɛ] 'tipo de espírito' fala rápida

Porém esta regra não é sempre aplicada, pois pode-se encontrar seqüências do tipo [CʲaJ onde C é uma consoante qualquer, que na fala corrente permanece inalterada.

[ʃirimʲa] 'barreira de varas' (fala lenta)

[ʃirimʲa] 'barreira de varas' (fala rápida)

[kid͡ʒirirʲa] 'fruta (sp)' (fala lenta)

[kid͡ʒirirʲa] 'fruta (sp)' (fala rápida)

Como pode-se notar esta regra não é 100% aplicável. Apesar de se ter um par análogo através do qual se concluiu que [a] e [ɛ] são fonemas distintos, não podemos deixar de levar em conta esses processos que nos dão subsídios para se pensar em alofonia, mas que também não se aplica em todos os casos. Como se pode ver a situação do [ɛ] é um pouco controvertida. Ao que tudo indica a situação com relação ao seu status fonêmico ainda não está totalmente definida. Com relação às palatalizações é importante dizer que se uma consoante estiver num ambiente precedido de [i] e seguido de [a], ela será palatalizada ou se tornará alveopalatal caso seja [s] ou [z]. É interessante notar que é possível dividir as consoantes em 3 grupos, tendo como parâmetro o cumprimento desta regra (em palavras monomorfêmicas). O primeiro grupo podemos dizer que são as labiais, que cumprem 100% a regra, ou seja nenhuma consoante labial palatalizada ocorre fora deste contexto em palavras monomorfêmicas. O segundo grupo são as

consoantes velares e glotais, que apesar de cumprir a regra possuem algumas exceções, ou seja é possível encontrar uns poucos exemplos de consoantes velares e glotais palatalizadas fora do contexto. O terceiro grupo são as consoantes alveolares, que cumprem a regra também, mas é possível encontrar muitos exemplos destas consoantes palatalizadas fora deste contexto, sendo possível até mesmo encontrar pares mínimos. Parece que a língua está passando por um processo que está tornando as consoantes palatalizadas e alveopalatais em fonemas. Processo este que está bem adiantado nas alveolares, que está se iniciando nas velares e glotais e ainda não chegou a afetar as labiais.

Se levamos em conta as palavras flexionadas podemos visualizar melhor este processo. O morfema de segunda pessoa singular é o fonema [i], e ele ocorre na forma de prefixo. Na fala dos mais velhos o prefixo { i- } é afixado na raiz verbal. Se a raiz verbal se inicia com consoante, esta sofre palatalização: se for um [s] ou um [z], este se torna alveopalatal: se a raiz verbal se inicia com vogal o { i- } , este se torna [d͡ʒ] e passa a ser onset da vogal que inicia a raiz verbal.

Na fala dos jovens o que acontece é que o prefixo não aparece mais antes das consoantes palatalizadas, o que pode nos levar a interpretar que o morfema da segunda pessoa singular é a consoante palatalizada, ou a palatalização em si. Mas por enquanto, podemos descartar esta interpretação com base na língua dos velhos, que ainda pronuncia a vogal [i] nestas construções. Se este processo continuar, dentro de alguns anos o modo de falar dos velhos vai cair no esquecimento e teremos verbos flexionados na segunda pessoa do singular somente com a primeira consoante da raiz palatalizada. Então será possível comprovar contraste para todos os pares de consoantes palatalizadas versus consoantes não palatalizadas.

Ainda com relação às consoantes palatalizadas vale a pena ressaltar que num ambiente precedendo a vogal [i] não vai aparecer uma consoante palatalizada (uma única exceção é a palavra [udʲi] 'nome próprio masculino'). Quando a consoante é precedida por [i] e seguida de [u] ela pode ou não ser palatalizada.

[biʲru]	'beira da casa'
[ʃiʲrʲu]	'nome próprio'
[wiʲnu]	'árvore (sp)'
[inʲuʲwa]	'pajé'

Com relação à labialização, pode se dizer que é muito semelhante ao que ocorre com a palatalização, sendo que a labialização só ocorre com as consoantes velares e glotais. Em palavras monomorfêmicas, a consoante será labializada quando ela for precedida por [u] e seguida de [a], em casos em que ela for seguida de [i], geralmente não será palatalizada, salvo algumas exceções. A única consoante que pode ser encontrada labializada fora do contexto descrito acima é o [k].

Com relação a palavras flexionadas o caso é idêntico ao das palatalizações. O prefixo de primeira pessoa singular é o { u- }, e ele ao ser afixado na raiz verbal, labializará a consoante inicial da raiz se a raiz se iniciar com consoante velar ou glotal. Ou se tornará [w] e será onset da vogal inicial da raiz caso ela se inicie com vogal. Na fala dos velhos o prefixo está presente, enquanto que na fala dos jovens ele é suprimido, caso a raiz se inicie por uma consoante que não é velar e nem glotal , esta consoante permanece inalterada.

Um processo que parece ser interessante também é a tentativa de padronizar o tipo silábico para CV. Ou seja todas as sílabas V que puderem ser suprimidas, serão apagadas. Isto é

bem claro no caso da flexão verbal, em que os jovens estão excluindo o tipo silábico V das palavras verbais. Este processo pode ser notado também na formação de um substantivo, que é o nome de um tipo de porco selvagem. O nome deste animal num registro bem cuidadoso é [ˌid͡ʒaˈmaˌkahiˈɾi] que eu interpreto como sendo junção de dois morfemas. No registro de fala normal esta palavra é articulada como [ˌd͡ʒamakahiˈɾi] e no registro de fala rápida como [ˌd͡ʒãːkahiˈɾi].

Outro fato interessante é a contração de palavras, ou seja desaparecimento de sílabas no meio de palavras. Isto é muito comum no registro de fala rápida, principalmente se o *onset* da sílaba for nasal, [h] ou [ɾ]. Para explicação de tal fato eu digo que a língua tem como padrão ideal uma palavra de duas sílabas. Se eu tenho uma palavra monossilábica vai se aplicar uma regra de duplicação do núcleo desta sílaba, criando assim uma nova sílaba. Depois de aplicada esta regra, a primeira sílaba resultante é novamente alongada para comportar o padrão melódico deslizante:

/hi/	→	hii	→	hi: i	[hiːˈi]	'aqui'
/ta/	→	taa	→	ta:a	[taːˈa]	'você'

Se eu tenho uma palavra com mais de duas sílabas, vai haver uma tentativa de se aproximar esta palavra o máximo possível do padrão. Ou seja uma sílaba vai ser suprimida desde que ela possa deixar uma marca em algum segmento vizinho, como por exemplo: palatalização, labialização, nasalização, alongamento, ditongação.

/anidawa/	[ãːnˈdʲəʷ]	'dono'
/aɾiha/	[aːˈhʲa]	'me dê'

ugʷahuwa	[uːgʷaˈhʷa]	'macaco (sp)'

É muito interessante notar que na formação de diminutivos de nomes, independente do número de sílabas da palavra original, o produto final sempre tende a ser uma palavra bissilábica.

[ˌinʲamid͡ʒaˈru]	[nʲaːˈru]
[ˌgamuˈki]	[gaːˈki]
[ˌd͡ʒãːdumuˈri]	[duːˈri]
[gʲaːzubuˈni]	[gʲaːˈni]

A principal contribuição desta dissertação é o fato de ela fornecer uma descrição minunciosa dos segmentos e das sequências de segmentos da língua Suruwahá, e um estudo exaustivo das possibilidades de combinação entre estes segmentos. Os dados organizados desta maneira nos possibilitam uma visualização integrada de diversos aspectos do sistema fonológico da língua. Esperamos que isto contribua para que se levantem questões interessantes que poderão ser retomadas em pesquisas futuras sobre a língua Suruwahá..

6. APÊNDICES

6.1. Corpus Selecionado

O corpus que se segue consiste de 441 substantivos transcritos em registro de fala formal. Cada palavra foi transcrita foneticamente de fita cassete e depois disso confirmada com falantes nativos diversas vezes.

O acento primário, o secundário e o alongamento são previsíveis, como já foi discutido anteriormente. Neste apêndice estão indicados somente os elementos mais proeminentes: acento primário e alongamento mais marcado.

1. [ʃʲɛmɛˈni] 'barro'
2. [ɨʲˈɨ] 'fruto (sp)'
3. [ɨɾɨˈwɨ] 'fruto (sp)'
4. [ʃʲaːˈɾi] 'banana-comprida (sp)'
5. [ʃʲaːˈɾu] 'pacovão'
6. [ʃʲaraʃʲaˈɾa] 'papagaio (sp)'
7. [ʃʲaːˈma] 'verme (sp)'
8. [ʃʲaˈbʲi] 'convexo'
9. [ʃʲaːwaˈd͡ʒi] 'cuia de beber caldo'
10. [ɔbɨtaˈsi] 'fruta (sp)'
11. [ʃʲuˈɾu] 'uxi (fruta (sp))'
12. [ʃʲuɾuˈhʷa] 'barata (sp)'
13. [ʃʲubuˈkʷa] 'nome próprio'
14. [agazuˈba] 'peixe (sp)'
15. [akuwaˈdɨ] 'loro (madeira)'
16. [bataˈkɾa] 'ferida'
17. [cicid͡ʒaˈma] 'fruta (sp)'
18. [cid͡ʒiriˈɾʲa] 'fruta (sp)'
19. [d͡ʒubahaˈna] 'borboleta (sp)'
20. [d͡ʒukʷasaˈɾi] 'animal parecido com gambá'
21. [habʲiʃiˈki] 'carrapatinho (sp)'
22. [habaɾaˈwa] 'ave (sp)'
23. [hutʲɛʃuˈma] 'peixe (sp)'

24.[ʃirʲaˈri] 'tipo de bambu utilizado para cortar'
25.[ʃiːriˈmʲa] 'barreira de paus no rio'
26.[ʃiːˈkʲa] 'pássaro (sp)'
27.[ʃiːbʲĩˈri] 'gavião (sp)'
28.[ʃiːciˈri] 'mosquito (sp)'
29.[ʃiˌhiʃiˈhi] 'cipó utilizado para fazer veneno'
30.[ʃiriˈci] 'instrumento de espremer mandioca'
31.[ʃiˈkʲa] 'ave (sp)'
32.[ʃinʲa kuˈni] 'aranha (sp)'
33.[ʃinʲaʃiˈnʲa] 'lagarta-de-fogo'
34.[ʃihʲaˈta] 'azedo'
35.[ʃinʲakʊˈni] 'aranha (sp)'
36.[ʃiwiˈri] 'mico (sp)'
37.[ʃuˈmu] 'peixe (sp)'
38.[ʃuruˈdɨ] 'coador'
39.[ruˈbu] [ruˈri] 'tipo de brinquedo'
40.[aːˈʃʲɛ] 'preto'
41.[aːˈʃʲa] 'nome próprio. preto'
42.[aːˈbʲi] 'fogo'
43.[aːˈdu] 'peixe (sp)'
44.[aːˈhu] 'envira (sp)'
45.[aːˈmu] 'caranguejo'
46.[aːˈnʲa] 'nome próprio'
47.[aːˈtʲa] 'formiga (sp)'
48.[aːbaˈmʲi] 'fruta (sp)'
49.[aːdaˈha] 'terra'
50.[aˈdu] 'tipo de bambu utilizado como faca'
51.[aːga] 'pau. árvore'
52.[aːgaˈrʲu] 'nome próprio'
53.[aːgaˈzu] 'palmito'
54.[aˈha] 'produtos da roça'
55.[araguˈna] 'ananás'
56.[akuwaˈdɨ] 'árvore (sp)'
57.[bahaˈwa] 'bahaˈwa'
58.[aːhiˈdu] 'sanguessuga'
59.[aʃiraˈdɨ] 'árvore (sp)'
60.[amɛhiˈni] 'pó de serra, serração'
61.[aːmʲiˈd͡ʒi] 'mãe (1 e 2 pess.)'
62.[amadɾˈni] 'mãe (3 pess.)'
63.[aːnaˈzu] 'peixe (sp)'

64.[anakuˈza] 'tipo de fruta que se come assada'
65.[a:su] 'tia paterna'
66.[a:wɨˈza] 'mogno'
67.[a:waˈɾu] 'fruta (sp)'
68.[a:waˈhɨ] 'roedor (sp)'
69.[a:waˈni] 'vespa (sp)'
70.[awataˈsi] 'maria-fedida (inseto)'
71.[a:zaˈna] 'pequiá'
72.[a:zuˈwɨ] 'bolo alimentar'
73.[a:zuˈwa] 'caju'
74.[a:damʲˈi] 'ladeira'
75.[a:muˈwa] 'estrela, vagalume'
76.[abʲiˈhʲa] 'peixe (sp)'
77.[agaˈsi] 'depósito de massa de mandioca
78.[amaˈdɨ] 'árvore (sp) (canoa para crianças)'
79.[ataˈni] 'horizonte onde se põe o sol'
80.[bɯːˈɨ i] 'tatu (sp)'
81.[bɯːˈd͡ʒi] 'fruto'
82.[bɯːˈti] 'rato (sp)'
83.[bʲiːdʒuˈkʷa] 'dor muscular'
84.[bɯwaˈhɨ] 'tipo de cipó'
85.[baːˈʃʲa] 'cará'
86.[baːˈɾʲu] 'forma achatada'
87.[baːˈɾi] 'machado'
88.[baːˈɾu] 'enxada'
89.[baːˈhi] 'carga'
90.[baˈɾi] 'peixe (sp)'
91.[baʃihɨˈwɨ] 'camorim (fruta)'
92.[barihiˈni] 'quati'
93.[baɾaˈwa] 'bicho de casco'
94.[baːd͡ʒiˈmɨ] 'instrumento feito de dente de cutia'
95.[baˈi] 'trovão'
96.[baːkʲaˈma] 'tingui'
97.[baˈsi] 'fruta (sp)'
98.[baˈwi] 'abacaxi (sp)'
99.[baːˈmʲi] 'água'
100.[basaˈni] 'pacu (sp)'
101.[buːˈna] 'remanso'
102.[buɾaˈku] 'pirarucu'
103.[buˈwa] 'peixe (sp)'

104.[buˈwɨ] 'fruta (sp)'
105.[ɕiːʃiˈmʲa] 'tatu-canastra.'
106.[ɕiːˈmi] 'milho'
107.[duːˈɾi] 'filhote de porco'
108.[dʲɛɾidʲɛˈɾi] 'cigarra (sp)'
109.[duːˈɕi] 'lugar'
110.[d͡ʒɛɾiˈɾi] 'serrote'
111.[duːgʷaˈwɨ] 'adulto de meia idade'
112.[d͡ʒɛnʲaˈwi] 'outro nome para parauacu'
113.[d͡ʒʲuˈwa] 'tilápia'
114.[d͡ʒaːˈɾa] 'estrangeiro'
115.[dʲaˈɾa] 'côncavo'
116.[d͡ʒaˈʃi] 'peixe tipo cará (sp)'
117.[d͡ʒaʃumaˈna] 'faveira-de-terra-firme'
118.[d͡ʒâːdumuˈɾi] 'caititu'
119.[d͡ʒakumahuˈsu] 'rato (sp)'
120.[d͡ʒaːmaˈda] 'ave (sp)'
121.[d͡ʒamakaɾaˈwa] 'animal parecido com raposa'
122.[d͡ʒamakahiˈɾi] 'queixada'
123.[d͡ʒamuɾaˈwa] 'fruta (sp)'
124.[d͡ʒad͡ʒaˈwəʲ] 'nome próprio'
125.[d͡ʒadaˈhɨ] 'túmulo(poss.3pl)'
126.[d͡ʒahiˈni] 'destro'
127.[d͡ʒahuˈwa] 'sapo (sp) comestível'
128.[d͡ʒamˈiˈhʲa] 'árvore (sp)'
129.[dɨhɨˈwa] 'caracol grande (sp)'
130.[d͡ʒiˈwi] 'macaco prego'
131.[d͡ʒuːciˈhi] 'nome de rio'
132.[d͡ʒuciʲɛɾiˈd͡ʒa] 'tamanduá (sp)'
133.[d͡ʒuːmaˈdu] 'terçado'
134.[d͡ʒumahiˈnʲa] 'tipo de lagartas pretas que andam agrupadas'
135.[d͡ʒuɾubaˈɾi] 'fruta (sp)'
136.[d͡ʒuˈwi] 'macaco prego'
137.[d͡ʒuwaˈzɨ] 'comprido'
138.[daːˈhu] 'jacu'
139.[daːˈmɨ] 'pegada'
140.[daːkuˈwi] 'banana-baié'
141.[danakuˈɾi] 'ave (sp)'
142.[daːsaˈɾi] 'saúva'
143.[dahuˈhu] 'borboleta (sp)'

144.[diʃinʲuˈma] 'nome próprio'
145.[duduˈsa] 'peixe (sp)'
146.[dzuwiˈni] 'caroço do {anakuˈza}'
147.[gʲãːzʊbuˈni] 'coração'
148.[gaːˈha] 'macaco barrigudo'
149.[garuˈru] 'fruta (sp)'
150.[gaːwaˈni] 'zogue-zogue'
151.[guːsaˈwa] 'ave (sp)'
152.[hʊːˈra] 'cabelo branco'
153.[hʊːˈri] 'dentro'
154.[hərɨˈsa] 'jandiá'
155.[hʊːˈru] 'preguiça (sp)'
156.[hʊːˈku] 'embaúba'
157.[hʊːˈwi] 'rede'
158.[hʊːsuˈri] 'boto'
159.[hʊːsuˈti] 'puraquê'
160.[hʊːwaˈtɨ] 'tocandeira'
161.[hʊtuˈku] 'cesto para paina'
162.[haːˈbu] 'carrapato'
163.[haːˈi] 'cipó titica'
164.[haʃiciˈri] 'camarão'
165.[haːˈmɨ] 'fome. nome próprio'
166.[haːˈmʲi] 'sapo (sp)'
167.[haːˈsu] 'caracol (sp)'
168.[haːhaˈni] 'ariá'
169.[haʃiˈʃi] 'cigarra (sp)'
170.[haːkuˈri] 'tamanduá bandeira'
171.[haːkuˈbʲi] 'mão de pilão'
172.[haːkuˈhi] 'enguia'
173.[hasanaˈwa] 'cobra (sp)'
174.[haːtaˈna] 'formiga (sp)'
175.[haˈwɨ] 'paca'
176.[hahaˈka] 'martelo'
177.[hahaˈsa] 'matamatá (quelônio (sp))'
178.[hazaˈna] 'peixe (sp)'
179.[hazaˈwa] 'esposa'
180.[hiːˈri] 'capivara'
181.[híːˈni] 'canoa'
182.[hurʲatɪˈni] 'berrante feito de envira
183.[huːˈma] 'bananeira brava'

184.[huːˈsa] 'velho'
185.[huːˈwa] 'pilão'
186.[huⁿdaˈnu] 'tamanduá (sp)'
187.[huʃʲuˈku] 'peixe (sp)'
188.[iːˈʃʲa] 'arapuá'
189.[iːʃʲaˈha] 'panela'
190.[iːˈbu] 'mosca (sp)'
191.[iːˈd͡ʒu] 'fezes, nome próprio'
192.[iːˈmi] 'ingá'
193.[iˈbu] 'cupim (sp)'
194.[iːdʲaˈhɨ] 'urucum'
195.[iːd͡ʒaˈmu] 'fruta (sp)'
196.[iːgʲaˈtɨ] 'animais'
197.[iˈni] 'nó do tronco do [kuzaˈri]'
198.[iːʃiˈmi] 'pênis'
199.[iːnʲaˈmɨ] 'cutia'
200.[ibʊˈri] 'cobra venenosa (sp)'
201.[id͡ʒaˈkɨ] 'seringueira'
202.[id͡ʒaˈmʲi] 'escorpião (sp)'
203.[id͡ʒaˈmu] 'sete gosto (fruta (sp))'
204.[id͡ʒabuˈma] 'animal noturno tipo macaco'
205.[id͡ʒamʲiˈri] 'macaco da noite'
206.[igʲamuˈna] 'fruta (sp)'
207.[imɛˈđi] 'cipó genérico'
208.[iniˈkʲa] 'tipo de castanha parecida com a do caju'
209.[itʲaˈza] 'banco da canoa'
210.[kɜrɨmaˈd͡ʒi] 'formiga (sp)'
211.[kɜrɨˈsɨ] 'pássaro (sp)'
212.[kɜrɨˈwɨ] 'preguiça (sp)'
213.[kʊːˈsa] 'abelha (sp)'
214.[kɜˈkɨ] 'acne'
215.[kʊruˈbɨ] 'árvore (sp)'
216.[kʊːwaˈsi] 'taboca'
217.[kʷaːˈkʷəˈ] 'nome próprio'
218.[kuhʷaˈra] 'bacaba'
219.[kʷakʷaraˈnɨ] 'peixe (sp)'
220.[kʷakʷaⁿd͡ʒa] '[sawaˈri] mamífero (sp)'
221.[kʷasaˈki] 'palmeira usada para fazer flecha'
222.[kaʃʲubaˈta] 'vespa (sp)'
223.[kaʃʲaˈđu] 'fruta (sp)'

224.[karaku'wɨ] 'asco. nojo'
225.[karasi'ni] 'vento'
226.[kaʃinɛ'ri] 'tipo de planta comestivel'
227.[ka:'ti] 'cobra-cega'
228.[kaʃʲu'ru] 'peixe (sp).'
229.[karaku'wi] 'papagaio (sp)'
230.[kada na'hu] 'fruta (sp)'
231.[kari'bi] 'peixe (sp)'
232.[kari'ti] 'mutuca (sp)'
233.[kahiʃʲa'du] 'seringueira (sp)'
234.[kasa'ha] 'sucupira (árvore sp)
235.[kaʃimɛ'ni] 'veneno da flecha'
236.[kaʃitici'ri] 'fel'
237.[ka'nʲa] 'guariba'
238.[ka'na] 'cana-de-açúcar'
239.[katʲaha'na] 'banana (sp)'
240.[ka:tara'ma] 'cobra (sp)'
241.[ka:tu'mʲi] 'banana São Tomé'
242.[ka'wa] 'arara (sp)'
243.[ka:wa'wa] 'tonto'
244.[ka:nihʲa'tu] 'tipo de cascudo (peixe)'
245.[kad͡ʒa'wə'] 'nome próprio'
246.[kama'ra] 'palmeira (sp)'
247.[kana'hi] 'irmãos'
248.[kanihi'mi] 'ponte. andaime'
249.[kasa'da] 'choça de espera'
250.[kasa'da] 'espera de caça no chão'
251.[kasa'ka] 'diarréia'
252.[kata'ta] 'ave (sp)'
253.[kawa'ha] 'furo de rio'
254.[kaza'bu] 'expedição de caça com toda família'
255.[ci'ʃʲu] 'macaco cairara'
256.[ku'ra] 'sapo (sp)'
257.[kuʃʲa'wa] 'fruto (sp) (comida de papagaio)'
258.[kuramu'na] 'fruta (sp)'
259.[ku:'d͡ʒu] 'macaxeira'
260.[ku:'ni] 'nome próprio'
261.[ku:ru'ru] 'mosca (sp)'
262.[kuruku'ru] 'mergulhão (sp)'
263.[ku:bʲi'ʃʲa] 'grilo'

264.[ku:bʲiˈni] 'envira (sp)'
265.[ku:hʷaˈni] 'cesto de folha de patauá'
266.[kuriˈɾʲa] 'jauari (palmeira (sp))'
267.[kuʃiˈɾʲa] 'enrugado'
268.[kuʃʲaˈɾʲu] 'tamanduá (sp)'
269.[ku:maˈdi] 'fumo'
270.[ku:naˈha] 'tímbó'
271.[ku:saˈmʲi] 'árvore (sp)'
272.[kuɾuˈbɨ] 'árvore (sp)'
273.[kuɾuˈwa] 'fruto (sp)'
274.[kuhʷaˈɾi] 'espera de caça na árvore'
275.[kuhʷaˈmɨ] 'primo cruzado'
276.[kukuˈwi] 'morcego (sp)'
277.[kumʲiˈti] 'beija-flor (sp)'
278.[kuɾuˈbʲi] 'terra bonita. areia branca '
279.[kusuˈwa] 'tucunaré'
280.[kuwaˈha] 'suor'
281.[kuwaˈna] 'peixe (sp)'
282.[kuwaˈsa] 'jaboti'
283.[kuzaˈɾa] 'sapo (sp)'
284.[kuzaˈɾi] 'árvore (sp)'
285.[kuzaˈha] 'câimbra'
286.[mɨ:ˈhɨ] 'formiga (sp)'
287.[mʊ:ˈhu] 'berne'
288.[mʊ:ˈkʲa] 'lagarta-do-fumo'
289.[mʊ:ˈza] 'breu'
290.[mʊ:ˈd͡za] 'breu'
291.[mɜ:ˈzu] 'árvore (sp)'
292.[mɜˈhɨ] 'formiga (sp)'
293.[mɜˈzɨ] 'formiga (sp)'
294.[mʲid͡ʒiˈɾi] 'fruta (sp)'
295.[ma:ɾaˈka] 'itaúba'
296.[ma:ˈha] 'socó'
297.[ma:ɾiˈhi] 'onça'
298.[ma:ˈma] 'mandioca'
299.[ma:ˈzu] 'urubu-rei'
300.[maɾaˈka] 'itaúba'
301.[ma:d͡ʒagaˈɾa] 'ave (sp)'
302.[maˈd͡ʒu] 'peteca de palha de milho'
303.[maˈhu] 'formiga (sp)'

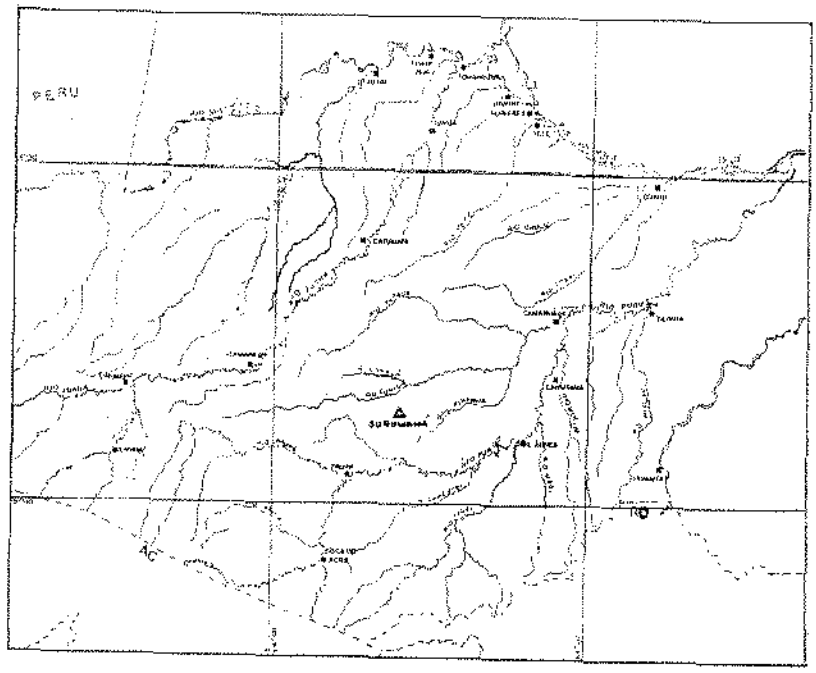
304.[mahukuˈwa] 'preciosa (árvore)'
305.[maʃirɨhɨˈwɨ] 'fruta (sp)'
306.[maʃiˈri] 'pente'
307.[maːkaˈra] 'cupim (sp)'
308.[makahaˈra] 'tubérculo (sp)'
309.[makuruˈru] 'cobra não venenosa (sp)'
310.[maːmʊˈri] 'matrinchã'
311.[maruˈzɨ] 'morcego (sp)'
312.[maːhuˈnɨ] 'anta'
313.[maduˈsa] 'urubu'
314.[mahaɾaˈsi] 'fruta (sp)'
315.[mahikʲaˈdu] 'espécie de lontra'
316.[mahuˈri] 'árvore (sp)'
317.[makaˈsu] 'ave (sp)'
318.[makuˈsa] 'peixe (sp)'
319.[masaˈni] 'horizonte onde nasce o sol'
320.[masiˈci] 'sol'
321.[miːˈʃʲa] 'arraia'
322.[miˈʃi] 'quandu'
323.[muːˈsa] 'árvore (sp)'
324.[mʊˈhu] 'berne'
325.[munumuˈnu] 'abelha (sp)'
326.[muˈsu] 'abelha (sp)'
327.[mukuˈkʷa] 'abelha (sp)'
328.[musuˈri] 'árvore (sp)'
329.[nʲɛˈri] 'vocativo para macaco-prego'
330.[naːˈsi] 'mutum'
331.[nahiˈʃi] 'jirau para assar carne'
332.[sʊː ˈku] 'soluço'
333.[sʊːˈdu] 'cubiu'
334.[sʊːˈmʲi] 'minhoca'
335.[sɜːˈwɨ] 'macaco-preto'
336.[sʊːkuˈri] 'peixe-cachorro'
337.[sɨnɨˈnɨ] 'trepadeira (sp)'
338.[sɨtaˈru] 'copaíba'
339.[sɛhɨˈtɨ] 'nome próprio'
340.[sɜwɨˈtɨ] 'peixe (sp)'
341.[sʊwiˈni] 'canhoto'
342.[saˈra] 'igapó'
343.[saːraˈhu] 'fruta (sp)'

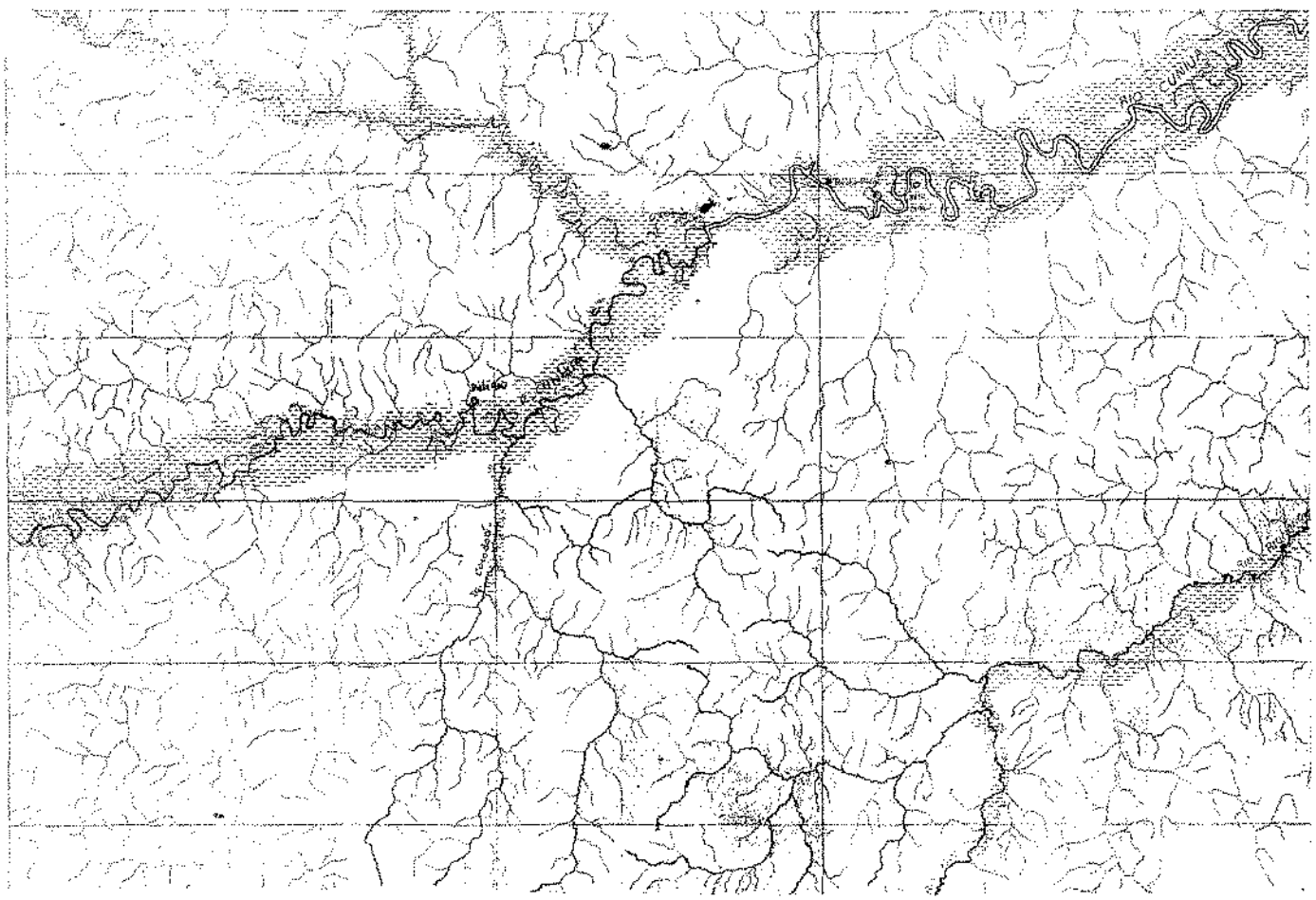
344.[saːˈɛi] 'tucano (sp)'
345.[saːˈku] 'traíra'
346.[saːˈma] 'fruta (sp)'
347.[saraˈhu] 'fruto (sp)'
348.[saːbʲĩˈɾi] 'espuma'
349.[saːdɯˈwi] 'abano'
350.[saˈi] 'calafrio'
351.[saˈwa] 'tipo de micose'
352.[sabɯˈni] 'ralo feito de raiz de paxiúba'
353.[sahahaˈɾu] 'ensoado'
354.[sahiˈtu] 'mutuca (sp)'
355.[sanaˈɾu] 'maracujá (sp)'
356.[sawaˈɾi] 'animal parecido com cachorro'
357.[sazahuˈwɨ] 'sucuri'
358.[suːˈna] 'ave (sp)'
359.[suːɾuˈku] 'envira (sp)'
360.[suːkʷaˈdɨ] 'tanga (vestimenta)'
361.[suːmaˈni] 'fruta (sp)'
362.[tɯːˈɾi] 'pau de apanhar pupunha'
363.[tɜːˈbɨ] 'flecha'
364.[tɯˈhi] 'peixe (sp)'
365.[tɯmasiˈɛi] 'palmeira (sp)'
366.[tʲabaˈɾi] 'árvore cuja envira é usada como adorno'
367.[tʲamaˈha] 'jacu'
368.[tʲuːˈhu] 'zarabatana'
369.[taːɾaˈwa] 'alguidar'
370.[taːˈhu] 'árvore (sp)'
371.[taˈhu] 'árvore (sp)'
372.[taˌkasiˈɾi] 'formiga (sp)'
373.[taˈki] 'lago'
374.[taˌmazaˈɾa] 'envira (sp)'
375.[taˈwi] 'esquilo (sp)'
376.[tamaˈku] 'fruto (sp)'
377.[tamaˈɾu] 'corda para arco'
378.[tiɾiˈɾi] 'enfileirado'
379.[tiwiˈd͡ʒu] 'fruta (sp)'
380.[tuːˈhu] 'tosse, gripe'
381.[tuːˈsu] 'vagina'
382.[tubad͡ʒaˈɾu] 'bacurau'
383.[tukʷaˈɾi] 'fuso para fiar algodão'

384.[uːˈma] 'piranha'
385.[uːˈna] 'jacaré'
386.[uːˈsəˈ] 'cará (peixe) (sp)'
387.[ugʷaɾiˈni] 'sorveira'
388.[ugʷahaˈwa] 'macaco-parauacu'
389.[uːhuˈɾəˈ] 'inseto (sp)'
390.[uːkʊˈwa] 'patauá'
391.[uːkʷaˈɾi] 'buriti'
392.[waˈu] 'fruta (sp)'
393.[uhʷaˈɾi] 'peixe (sp)(parecido com matupiri)'
394.[uhʷaˈmɨ] 'espírito (sp)'
395.[waˈmɨ] 'piolho-de-cobra'
396.[uzuˈɾu] 'árvore (sp)'
397.[wɨˈwɨ] 'sapo (sp)'
398.[waːɾʲuˈba] 'fruto (sp)'
399.[waɾʲukʷaˈwa] 'nó de árvore'
400.[waːˈbɨ] 'algodão'
401.[waːˈsi] 'novo'
402.[wabatamaˈɾi] 'fruta (sp)'
403.[waːbuˈzu] 'fruta (sp)'
404.[waːgaˈɾu] 'árvore (sp)'
405.[waˈha] 'coruja (sp)'
406.[wahakuˈku] 'pato selvagem'
407.[wakabuˈɾu] 'lagarta branca do interior de castanhas'
408.[wakawaˈka] 'fruta (sp)'
409.[waːsaˈbɨ] 'árvore (sp)'
410.[waːtʲaˈma] 'tipo de cascudo (peixe)'
411.[waːtaˈma] 'fruta (sp)'
412.[wabʲiˈd͡ʒa] 'cesto de folha de caranã'
413.[wabuˈzu] 'árvore (sp)'
414.[wad͡ʒiˈɾi] 'maruim'
415.[waduˈna] 'estrangeiro'
416.[wagaˈɾu] 'árvore (sp)'
417.[wagaˈɾu] 'abiu (fruta)'
418.[wahaˈɾa] 'carapanã'
419.[wakaˈna] 'árvore (sp)'
420.[wasaˈhu] 'fruta (sp)'
421.[wasaˈzu] 'tipo de castanha'
422.[wasuˈwi] 'formiga (sp)'
423.[wazaˈku] 'fruto (sp)'

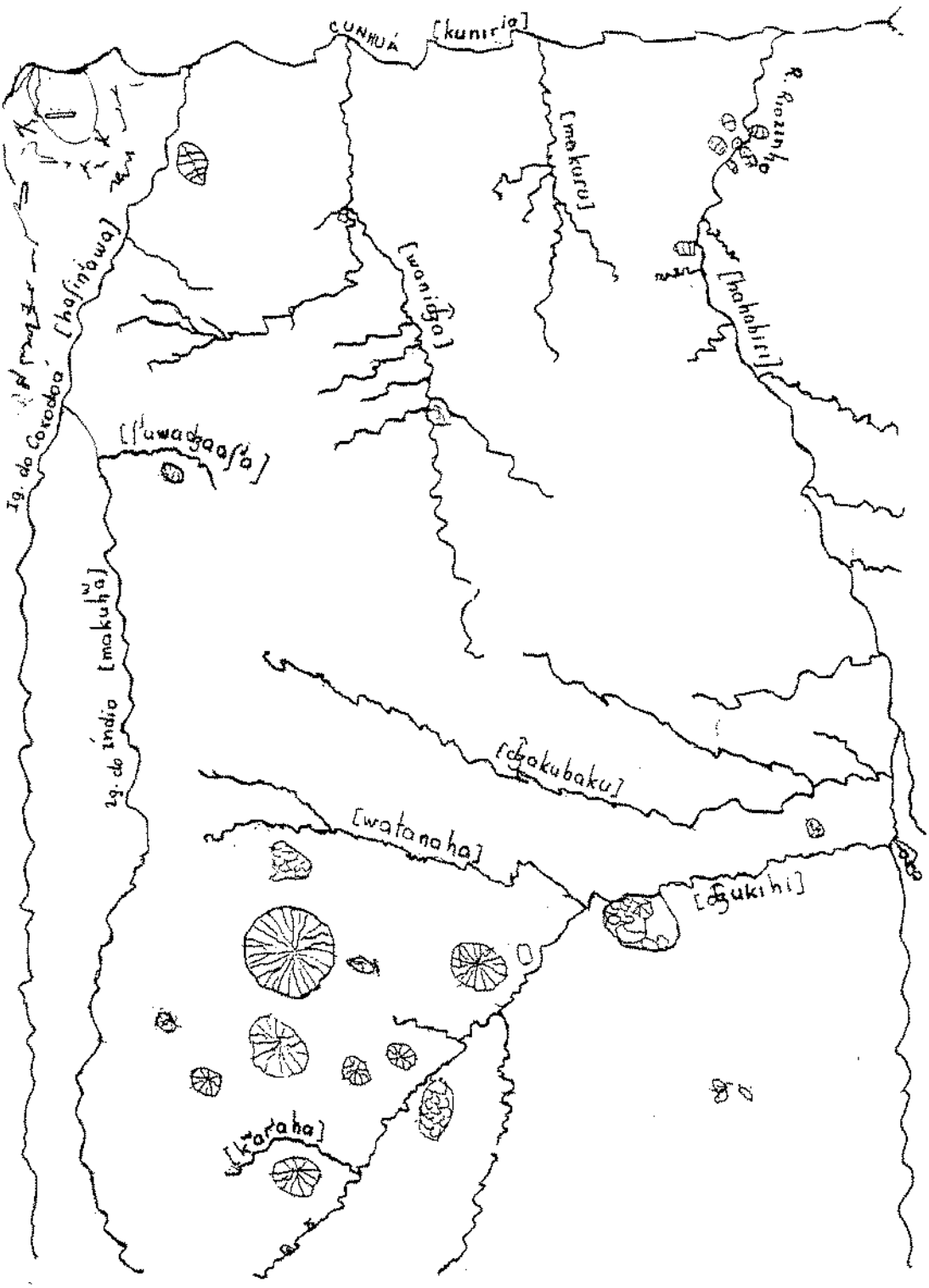
424.[wiːɾʲaˈna] 'tipo de peneira'
425.[wiʃinʲaˈɾu] 'tiririca'
426.[wiːˈnu] 'árvore (sp)'
427.[wiwiruˈgu] 'peixe (sp)'
428.[zuːˈhu] 'fruta (sp)'
429.[zuːˈku] 'árvore (sp)'
430.[zuwiˈki] 'castanha de cotia'
431.[zaɾawaˈhɨ] 'caranaí de quatro folhas'
432.[zaːˈsi] 'arenito grosso cimentado'
433.[zakubaˈɾa] 'cesto de cipó'
434.[zama kuːˈsa] 'lagarta (sp)'
435.[zakɨˈɾa] 'genro em potencial'
436.[zakaˈwa] 'peixe (sp)'
437.[zawaˈda] 'expedição de caça masculina'
438.[d͡ʒiwitiˈci] 'formiga (sp)'
439.[zuːmˈi] 'veado'
440.[zumˈi kʲaˈsɨ] 'veado roxo'
441.[zumadaˈwa] 'peixe (sp)'

6.2. Mapas





Área Suruwahá e Localização das Malocas (desenhado por [uhuzə]).



7. RESUMO

O Suruwahá é uma língua indígena da família Arawá, falada por uma comunidade de aproximadamente 140 pessoas, localizada no estado do Amazonas no município de Tapauá.

O sistema fonológico da língua é composto basicamente por 18 fonemas consonantais e 5 vocálicos. Chegou-se à definição destes fonemas através da aplicação da metodologia desenvolvida por Keneth Pike, que utiliza conceitos como contraste, alofonia e pares mínimos. Os dados submetidos à esta metodologia, foram selecionados de um *corpus* de aproximadamente 2500 palavras, colhidas na área indígena e transcritas num registro de fala formal. Os dados usados como exemplos foram gravadas no programa CECIL para análise acústica e foram testados diversas vezes com os falantes nativos.

Outras análises foram propostas anteriormente, sendo a mais completa e consistente, a apresentada por Suzuki (1995a), na qual, além do modelo teórico, algumas propostas são diferentes, como é o caso do tratamento dado às palatalizações e labializações, do padrão silábico e da acentuação.

O modelo teórico de Pike, por ser mais descritivo, não é suficiente para explicar todos os processos que ocorrem na língua, mas é suficiente para dar um panorama geral do que ocorre com o Suruwahá, evidenciando algumas questões que podem ser melhor analisadas por um outro modelo. A vantagem é que ele proporciona um tratamento exaustivo para cada segmento e permite uma organização muito clara a ocorrência de cada um, proporcionando uma visão mais integrada da fonologia da língua.

Como o corpus foi bem delimitado, algumas referências a segmentos que ocorrem em outros registros de fala foram comentados com o objetivo de fornecer ao leitor melhores condições para poder confrontar as análises propostas até o momento.

Palavras-chave: 1. Língua indígena. 2. Fonologia

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURQUEST, Donald A. & Payne, David L. 1993. *Phonological Analysis. A Functional Approach.* SIL & University of Texas at Arlington.

DIXON, R.M.W. 1995. *Fusional Development of Gender Marking in Jaravara Possessed Nouns.* International Journal of American Linguistics. Vol. 61, No. 3, July 1995, pp. 263-94. University of Chicago, USA

EVERETT, Daniel L. 1995. *Sistemas Prosódicos da Família Aravá.* Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras. Leo Wetzels. 296-339. Editora da UFRJ. Rio de Janeiro.

KINDELL, Glória E. 1981. *Guia de Análise Fonológica.* Summer Institute of Linguistics. Brasília-DF.

KROEMER, Gunter. 1989. *A Caminho das Malocas Zuruahá. Reconhecimento e Identificação de um Povo Indígena Desconhecido.* Edições Loyola. São Paulo.

KROEMER, Gunther - Teresinha WEBER e Mário L. SILVA. 1987. *Relatório Lingüístico Preliminar Zuruahá.* arquivos inéditos do CIMI, Belém.

LAVER, John (1994). *Principles of phonetics.* Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press. Cambridge.

PIKE, Kenneth L. 1966. *Phonemics. A Thecnique for Reducing Languages to*

Writing. Ann Arbor. The University of Michigan Press.

SUZUKI, Edson Massamiti. 1990. *Projeto de Pesquisa: Um Programa de Educação para o Povo Suruwahá.* Arquivos Inéditos da Universidade das Nações, Porto Velho.

SUZUKI, Edson & SUZUKI, Márcia. 1992. *Análise tentativa da língua Zuruahá.* Manuscrito inédito.Arquivo da Universidade das Nações: Porto Velho.

SUZUKI, Márcia. 1995a. *Esboço Preliminar da Fonologia Suruwahá.* Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras. Leo Wetzels,341-378.Editora da UFRJ, Rio de Janeiro.

SUZUKI, Márcia.1995b. *Interação entre Regras Segmentais e Prosódicas no Suruwahá.* In: BISOL, L (org) Letras de Hoje, v. 31, no 2, p.97-118. PUCRS: Porto Alegre.

SUZUKI, Márcia. Em andamento. *Dicionário Experimental Suruwahá-Português.* 2300 entradas.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABERCROMBRIE, Daniel. 1967. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh University Press.

KROEMER, Gunther. 1989. *Cuxiuara, o Purus dos Indígenas*. Edições Loyola, São Paulo.

KROEMER, Gunter. 1994. *Kunahã Made - O Povo do Veneno. Sociedade e Cultura do Povo Zuruahá*. Coleção Antropologia, Edições Mensageiro, Belém.

LADEFOGED, Peter. _____. *A Course in Phonetics*. Harcourt Brace Jovanovich, Inc. New York.

RIBEIRO, Bráulia. 1990. *Alimentação na Tribo Zuruahá*. Concurso CATA de Literatura, Belém.

WEISS, Helga E. 1980. *Fonética Articulatória*. Summer Institute of Linguistics, Brasília.